



NORDESTE



"São os do Norte que vêm..."

Bahia de Todos os Santos

FOTO-MONTAGEM de Jota Soares

CRÔNICA de Vinicius de Moraes



As cidades, como os indivíduos, têm sexo e personalidade. O Rio, por exemplo, que muita gente acha uma cidade feminina, é uma das cidades mais masculinas do Brasil. Evidentemente, como muito homem, o Rio tem coisas de mulher; mas essas não são nunca o mais puro da cidade. A Lapa — um caso — é o tipo do bairro macho, malandro, dono de "dancing", que assimila todas as formas de valentia, desde a capoeira, notável índice da virilidade do Rio como cidade.

Mesmo os bairros femininos, como Laranjeiras, Santa Teresinha ou Urca, não impressionam pela imposição efetiva no conjunto urbano. São agrupamentos escondidos, tímidos da presença máscula desses varões ensinados que se chamam Botafogo, polígamo de ruas adoráveis, como nomes eternos de dignas senhoras; Copacabana, mestiço de mulata com americano, criador de um tipo novo de carioca, zeloso de suas meninas esquemáticas, lustrosas de sol e com penteado circunflexo; Gávea, bairro dos

bairros, conquistador Botafogo, discreto e aitamente, com duas ou três das ruas mais caríssimas do Rio, feito Lopes Quintas e Marques de São Vicente; Flamengo, onde a transversal, assume uma dignidade especialmente carioca em suas pensões, seus sobrados, seus hoteizinhos dançantes; isso sem falar nesses valorosos São Cristóvão, de patéticas moedinhas; Villa Isabel, pátria de Noel Foaá, o mais carioca dos sambistas; Méier, todo o subúrbio, e naturalmente o morro, que esse então é perfeitamente raciado,

negro, apesar do gênero do nome não corresponder muitas vezes ao indivíduo em questão; Favela, Mangueira, Estação Primeira!

São Paulo é outra cidade masculina, homem de negócios na casa dos trinta, bem penteado, encoptado à noite, com "écharpe" e tudo, rosado nas faces, bigodinho preto, precioso, muitas vezes novo-rico, gostando de ir a "premiêra" e de ter "carnet" de damas. Cidade sem o menor elemento de natureza feminina no seu complexo orgânico. Já

Fortaleza é uma cidadezinha tão feminina como outra não há no Brasil. Lembra uma adolescente de olhos verdes, quase cabeleira, namoradeira, fresca e limpa no seu vestido estampado, com aquela praça centrífuga da vida toda da população. Belém é outra cidade mulher. Só que Belém já é uma morena crescida, — ah, suas lindas mangueiras! — de feminilidade madura, inquieta como Emma Bovary e lutando por se libertar dos preconceitos do seu sexo.

Nas cidades mulher de fato, a

mais mulher que já vi, muito mais que Paris, é Bahia. Há que chamá-la Bahia, pois Salvador em presta-se uma idêntica masculinidade que ela não tem e nem precisa ter. Bahia possui uma forma feminina, um caráter feminino, um mistério feminino, possui tudo de mulher e nada de homem. Mulher em toda a unidade, vivendo uma vida autêntica nos vários aspectos do seu misterioso ciclo, podendo ser tudo, desde namorada até mãe, até babá,

(Continua na 2ª página)

Augusto dos Anjos, esquizoide fronteiriço

Odivio Duarte

O psiquiatra paraibano Odivio Duarte ensina ao prof. Alvaro de Carvalho a seguinte carta, que é um depoimento de real interesse para a literatura:

Li, com particular interesse o seu livro sobre "Augusto dos Anjos e Outros Ensaios", e o fiz não somente pela grande admiração que sua cultura e inteligência sempre me inspiraram, como também de um poeta que empolga a personalidade de sua época pela originalidade realista de seus versos e pela fidelidade instável de seu temperamento, que ainda hoje preocupam os estudiosos dos problemas psicológicos. Sente-se no seu trabalho o carinho com o qual estudou o assunto e a segurança de conhecimentos em torno da matéria. Pouco venia no entanto para discordar do seu diagnóstico de psicastenia, embora tenha certa razão em fazê-lo conforme poderemos verificar adiante.

Augusto era um indivíduo psíquica e biotipologicamente enquadrado entre os esquizoide fronteiriços. A tendência moderna é para classificar os homens em dois grandes grupos temperamentais, de um lado os ciclotímicos, do outro os esquizotímicos, ficando entre eles os chamados tipos intermediários que ora apresentam tendências para um, ora para outro, ou inclinados para um dos lados. Kretschmer, que foi um dedicado a essas pesquisas e chegou a organizar uma classificação própria, hoje universalmente aceita, demonstrou as relações entre o biotipo e o psiquismo, que, salvo as exceções inerentes as causas da ciência, são geralmente comprovadas. Estabeleceu as três ordens sucessivas da evolução psíquica, caminhando progressivamente da saúde para a doença:

- a) esquizotímicos — esquizoide — esquizofrênicos.
- b) ciclotímicos — cicloide — maniaco — depressivo.

Verifica-se assim que os esquizoide e os cicloide são os tipos fronteiriços entre os temperamentos e as psicoses a eles ligados, vez por outra atravessam a linha divisória e fazem incursões no terreno oposto para volverem novamente ao primitivo até que as circunstâncias mais aérias venham fixá-los além.

"Observando, na sua atividade hospitalar e civil grande número de pessoas normais, subnormais e anormais, Kretschmer verificou que determinadas tendências psíquicas — que marcham no mesmo sentido sempre, desde a saúde até a doença — eram peculiares invariavelmente, dos indivíduos que apresentavam determinada complexão corporal. Depois de aturadas e minuciosas pesquisas, o psiquiatra germânico conseguiu classificar essas pessoas em quatro grandes categorias: pínicos, leptosomáticos, atlélicos e displásicos".

Os primeiros, os pínicos, compreendem os indivíduos gordos, membros curtos, pequena estatura, de temperamento geralmente alegre, ciclotímicos, facilidade de adaptação, gentis, emoções fáceis, variando do humor alegre até à melancolia. Reagem com facilidade ao meio exterior. K

Os segundos, os leptosomáticos, são indivíduos altos, magros, extremidades longas, curvados, temperamento frio, irritáveis, realistas, que no dizer do próprio Kretschmer "têm uma superfície e uma profundidade". Sua esfera afetiva-emotiva é cheia de variações. Não se pode julgar pela placidez aparente de suas atitudes as grandes lutas que se travam no seu íntimo. Quando perdem o controle sobre esse mundo interior formado de contradições, "deixam-se dominar por uma reclusão irritada, amarga, sombria, que pode levar ao extremo dos estados catatônicos ou ao desespero". Kretschmer dividiu ainda os esquizotímicos em três categorias:



AUGUSTO DOS ANJOS

1.º) Hiperestésicos: nervosos, irritáveis, idealistas, delicados, dotados de intensa vida interior;

2.º) Os intermediários: frios, energicos, sistemáticos, lógicos, calmos, aristocráticos;

3.º) Os anestésicos: frios, nervosos, solitários, falsos, indolentes, lentos, obtusos, sem paixões.

Segundo as suas preferências intelectuais:

1) Poetas: patéticos, sentimentais, românticos, artistas de forma, estilistas, herméticos ou esotéricos;

b) Sábios: lógicos, precisos, sistemáticos, metafísicos;

c) Chefes: idealistas puros, despotas e fanáticos, reivindicadores, calculistas frios.

A inteligência não sofre reparos nas duas grandes colunas temperamentais, citam-se gênios esquizotímicos, como Sante, Pascal, Nietzsche, Shelley, como ciclotímicos da categoria de S. Tomaz, Kant, Spinoza, Goethe, Byron.

Os atletas e os displásicos, são intermediários, tanto no aspecto morfológico como psicológico.

Depois de tôdas estas ponderações, penso que não haverá dúvidas quanto à classificação do perfil psicológico de Augusto dos Anjos. Sua crítica ao trabalho de De Castro e Silva, no tocante a "O poeta melancólico" foi oportuníssima, chegando mesmo a ser verdadeiro diagnóstico diferencial, sobre um sintoma maniaco-depressivo, verdadeira contradição com o temperamento esquizoide do autor em questão. Suas considerações em torno da melancolia, são conceitos de mestre, partidos de uma cultura leiga bem fundamentada. No tocante às suas conclusões acerca de uma suposta psicose tenia do autor, tem certa razão de ser, como dissemos no início destas considerações, pois, sendo a psicastenia uma modalidade da neurastenia, moléstia constitucional, a tendência moderna é para incluí-la entre os principais grupos temperamentais, e, ela se inclina para a esquizoide. No entanto, como ainda "faz parte das neurroses, e se caracteriza principalmente segundo Austregésilo e Pacheco e Silva, pelo cansaço cerebral, depressão mental, acurramento, hipocondria, diminuição da volição e até idéias de suicídio. Essa sintomatologia, se bem que se assemelhe aparentemente ao estado d'alma de Augusto, não resiste a um exame mais profundo, pois o poeta paraibano demonstrou em seus versos atividade cerebral intensa vivacidade e domínio da vontade, para vencer a morbidez orgânica que sob a forma de "peste branca" lhe consumia as energias e aumentava a intensidade de seus realques. Augusto dos Anjos, deixou indícios de suas invasões além da fronteira, chegando mesmo a tocar a verdadeira psicose esquizofrênica. Nestes seus versos:

"Que voz é esta que a gemer concentro
No meu ouvido e que do meu ouvido
Como um bemol e como um sustenido
Rola impetuosa por meu peito a dentro"
e na seguinte:

"Por que este gemido me acompanha? etc estão caracterizadas as alucinações auditivas, apanágio da esquizofrenia. Outro sintoma patognomônico, é o da ambivalência, classificada por Bleuler como a coincidência na psique do esquizofrênico de duas ou mais tendências volitivas, pensamentos ou sentimentos que se contradizem, como aquêles demonstrados pelo poeta depois da morte de seu pai, quando em versos cantava as belezas da natureza, "evocando-lhe ao espírito a visão bíblica do arrebatamento de Elias", para em seguida voltar-se para a podridão de um corpo em decomposição.

O fato, citado por De Castro e Silva acerca de um acidente emocional sofrido pela mãe de Augusto no 6.º mês de sua gravidez, quando muito, teria influido para a exacerbação de seus desvios patológicos. Nunca, porém, na origem de seu temperamento, este é hereditário, vem dos genes, não pode ser congênito, isto é, adquirido durante a gestação.

Enfim, meu caro mestre, receba os aplausos de um outro apaixonado pelas questões dos humanos sentimentos, e que também acredita

no isolamento da escola de Augusto dos Anjos, porque para sentir como ele sentiu, era preciso possuir temperamento e inteligência semelhantes, reconstituir seu próprio meio ambiente, suas taras e seus recalques, coisa impossível à luz de nossos conhecimentos atuais. Destarte, o "EU" continuará "insulado em sua própria grandeza, à margem do pensamento e das correntes estéticas da literatura nacional".

Com esta modesta contribuição aos seus brilhantes estudos, acredite na minha admiração e estima.

MALA DOS ESTADOS

(Continuação da pág. 5)

proclama o restabelecimento da saúde de seu pai a preces solenes dos filhos.

Estou certo que Jansen não ficará nesta já apreciável prova de sua inteligência e Castro. Outros horizontes começam a abrir-se-lhe. Tomadas patrióticas e sociais já lhe agitam a inspiração. "Independência ou Morte", "O Mendigo", "A Rua das Crianças Pobres".

Ele já recebe influências mais vivas da cidade e do litoral cantando a praia de Tambaú, os coqueiros e o mar, e cantando o amor "Quando tudo morreu" entre êles dois e quando

"Ela voltou com os lábios de carmin
As faces belas e o olhar sentido".

Reacendendo os fardas, com aquela luz que só a paixão comunica, da alma jovem do poeta. Não estou anunciando de pronto um poderoso cantor original, vibrando em ritmos novos e fecundos ideais de arte. Falei mesmo no seu versar nas formas anteriores ao chamado modernismo. Nota-se, por exemplo, o tom de Castro Alves no "Poema da Fraternidade", uma reminiscência de Da Costa e Silva no soneto "Natal". Mas se trata realmente de um moço de valor que tem inspiração, motivos e sonoridades, podendo se selecionar nas suas "Aurores e Crepúsculos" versos de grande emoção e beleza.

A mim me encantou sobretudo a inspiração sertaneja de seus poemas, pois raro se têm levado para a poesia os aspectos particulares do nosso alto interior paraibano. Augusto dos Anjos, gênio de outra inspiração científica e universal, falou de relance da triateza do engenheiro Pau D'arco e nalguema espécie da flora da Várzea. Rodrigues de Carvalho cantou mais largo a floresta, o amor, os costumes da mata. Américo Falcão glorificou a seu modo o coqueiro e a jangada de Lucena. Outros magníficos poetas têm versado as belezas do lado de cá. Dos sertões da Borborema e além terra, que tão bem se representam na prosa de José Américo, de Alyrio Wanderley e dos escritores das Sécas, pouco se tem fixado no verso, além da mísa popular dispersa na poesia dos violinos. Lembro-me agora de um hino de Perillo à sua vila de Arruana, de alguns sonetos de Cristiano Cartaxo e de instantâneos mal conhecidos de Antônio Gomes e de Sabino Batista. O sr. Jansen Filho vem trazer-nos em rima um bocadinho do sol, do vento, da sombra e do canto das aves das cabeceiras do Paraíba.

E este prefácio de Celso Mariz, sobre o sertão e a poesia, vale por um livro e por um poeta. E quem encontra um padrinho assim, vai para frente nas letras. E com talento então, vai longe...

Vista com distinção e com elegância
comprando o seu vestuário nas



LOJAS PAULISTA

Voiles, fantasias, cambraias finas, brins de linho, "panamás", sedas, musselinas e grande variedade de tecidos de toda espécie, pelos melhores preços da cidade.

LOJAS PAULISTA

Fazendas

* Rua Nova * Praça da Independência * Largo da Encruzilhada *

POEMAS

de Araújo Filho

NON OMNIS MORIAR

Chegaste ao cimo da montanha, e do alto
O olhar voltando em de-redor, somente
Viste sombras e névoas, sombras, névoas
E os prenúncios da horrenda cerração.

Chegaste ao cimo da montanha, e logo
O olhar baixando à terra, começaste
A descida fatal, trêmulo, trêmulo,
Sentindo já sem força o coração.

Que queres?... Este é o fim da árdua batalha
Da vida... Ninguém foge à hora profética
Que o Destino insensível escreveu...

Ninguém. Mas no descenso a alta te ampara:
— Foste fiel a ti mesmo e ao bem do próximo,
Repartindo irmanamente o que era teu.

LEITO VAZIO

Surge, amica mea, speciosa mea, et veni.

Canticum Canticoorum.

Para te merecer, dei tudo quanto tinha:
— Minha ambição de glória, os meus sonhos de porta;
E o meu orgulho que subira a estranhos pináculos,
Num momento se esfez e caiu nos teus pés.

Para te merecer, dei tudo, tudo, tudo...
— Meu pensamento em teu louvor teceu legendas,
E no meu templo de arte arde votiva lâmpada,
Num constante luzir, do meu culto através.

A ti, que és meu fanal, dei, perfeita, a minha alma,
— Novo rei Salomão, orchestrei novos cânticos,
À irmã mais moça da Rainha de Sabá.

Zagais dos montes, que passais, ouvi meus rogos:
Se encontrardes A que perturba o meu espírito,
Dizei-lhe que o meu leito inda vazio está.

EMENTÁRIO

Revido a história dos meus dias idos,
Encontrei, solitário e sem relêvo,
Um Sonho que passou como um relâmpago,
Na noite escura do meu coração.

Outros, lindos e alegres, (e eram tantos!)
Punham notas sonoras na paisagem
Dalma, a vibrar de amor, acordes líricos,
— Rendéis, rondós, redondilha e canção.

Todos como vieram, se afastaram...
Fiquei sozinho, como que sonâmbulo,
Esquecido da vida, em meio à Dór.

Mas, de todos, somente, o solitário,
O que passou, sem deixar sombra, rápido,
Esse, talvez, fôra o meu grande amor.



ACTO DE FÉ

A dor trabalha sempre para Deus

Teixeira de Pascoais.

CANTO DA SAUDADE

Vem de longe, comigo, esta saudade:
— Um dia, uma hora só, um só momento,
Não me deixa, em descanso, o pensamento,
Não me deixa, sozinho, em liberdade.

Não me deixa... E mais vivo o sofrimento,
Meu desditoso coração invade:
— Ai! devaneios da primeira idade,
Sonhos que já não senão tormento.

Mágua de amor dói sempre e sempre... A vida
Por mais bela que seja, perde o encanto,
Se a ilusão na descrença se abismou.

Desfeito altar e templo, a fé perdida,
Que resta mais?... Nada mais resta. Entanto,
Esta saudade não me abandonou.

Graças a Vós, Senhor! Do envenenado ambiente,
Onde espíritos vis, só por maldade, um dia,
Me atiraram, sai! Graças a Vós, somente,
A Vós, que sois dos bons, o incomparável guia.

Meu coração, que andou, ininterruptamente,
De queda em queda, a errar em perpétua agonia,
Não parou de uma vez, desesperadamente,
Porque a Fé, como o sol, fortalece e alumia.

Graças a Vós, Senhor! Pai de extrema bondade!
Minha alma aos vossos pés, em louvores se expande
E exora e obsecra a luz do vosso eterno amor

Exora e obsecra a luz da nossa alta piedade:
Não para mim somente, — eu pecador tão grande! —
Para aqueles que o mal me fizeram, Senhor!

EXALTAÇÃO

Chegaste. E uma existência inteira estive à espera
De ti, de ti que és hoje a luz que me alumia,
O sol, que esta alma abrasa, a sonhada quimera,
Que eu sabia existir, e buscava, e não via.

E chegaste. E contigo o Amor, a Primavera,
A Alvorada, e Ilusão, o Esplendor, a Alegria...
— Feliz, o coração, que nunca desespera,
Na esperança que um dia ha-de chegar o Dia.

Pedras e espinhos que encontrara em minha estrada,
Num milagre sem par, eis-que-se fazem flores;
As mais belas que a mão de Deus semeou no mundo.

E a ti, devo esta graça, ó doce Bem-Amada,
A ti, que transformaste os negros dissabores
Do meu viver, num Sonho esplêndido e profundo.

HAMLET-TRAG

☆ ☆ Fotografias do Studio Delta ☆ ☆



Luciabo, o matador. (Nilson Pena)

A encenação da famosa tragédia de Shakespeare pelo Teatro do Estudante do Brasil, que assistimos em sua estréia, no Teatro Fenix, fez com que retirássemos da gaveta, do meio de velhas notas, alguns apontamentos que tomámos há anos passados e que somente agora, com a experiência visual, po-

demos terminar. Essas considerações do sentido cósmico que existe na dramatização da história do Príncipe da Dinamarca são dedicadas, por conseguinte, a Sérgio Cardoso — milagre de interpretação — e a Paschoal Carlos Magno — milagre de realização.

Com a decadência do mundo

antigo, onde a tragédia atingiu o seu apogeu com Esquilo, Sófocles e Eurípides e a imediata difusão do cristianismo, o teatro entrou em sua fase de obscurantismo, os escritores desprezando uma arte que havia sido a pedra de toque do paganismo, voltando-se exclusivamente para os estudos filosóficos e religiosos, fazendo crescer a imagem de Cristo. Todo o mundo ocidental voltava-se, dessa maneira, para o milagre de Redenção, sempre renovado misticamente, constituindo por si só o espetáculo máximo da grandeza cósmica. Foi dessa tragédia cósmica, por conseguinte, que nasceu uma nova arte do drama. O espírito artístico insinuou-se no "rigor hierático", para usar uma frase de Paul Arnold, cada vez com maior frequência, ilustrando o ritual simbólico. Vaiu-se a Igreja, assim, do espetáculo da Redenção com as contribuições cotidianas, cada vez em maior número, para explicar os mistérios da religião, a tal ponto que as "troupeas" se desligaram do cerimonial litúrgico, adquirindo uma verdadeira autonomia, adquirindo desenvolvimento profano, na praça pública, dando origem ao drama litúrgico.

Saindo do interior da Igreja e despojando-se do caráter exclusivista da religião, o drama litúrgico projetou-se sobre as massas, sem perder a sua finalidade de orientação cristã. Surgiram, então, os Ciclos do Natal (dos quais o nosso "Presépio" é uma variante) e os Ciclos das Páscoas, enxertados com episódios bíblicos e

evangélicos, até aparecerem os pequenos dramas morais — Milagres, Jogos e Moralidades, onde era constante a intervenção direta da divindade, da Virgem sobretudo. Nessa evolução da dramaturgia religiosa podemos encontrar os germes do teatro místico, sem desconhecer, porém, que "cette oeuvre immense ne se proposa d'autre beauté que celle de la foi et de l'imitation de Jesus-Christ; jamais elle n'entendit s'adresser au public éclairé. Faite pour le peuple, elle devait consacrer une psychologie rudimentaire mais saisissante, une littérature grossière mais robuste, et créer de nouveaux modes d'expression du cosmos et de la mysticité".

O Milagre pretendia representar um drama cósmico, onde a prece, isto é, a eficácia da prece, fosse um símbolo, embora os poetas medievais quase sempre não conseguissem transmitir ao público essa intenção, a Virgem intervindo como divindade, na luta contra o demônio representado pelas tentações comuns. As soluções, que deveriam servir à mística, eram apresentadas de uma maneira brusca, com o aparecimento da divindade em alegorias simplistas, "a esfera superior substituindo a inferior no momento onde a psicologia estava longe de haver dito a última palavra". Os poetas medievais não tentavam explicar a essência do milagre, o enigma permanecendo um dogma que teria de ser aceito pelo ouvinte, supostamente crente.

Voltavam-se os poetas, então, certos de que a essência misteriosa ou mística deveria ser aceita sem discussão, para o lado humano do drama universal e seu resultado no plano cósmico. Dessa maneira, perdendo as características objetivas na cena, o crente tendo de operar a transfiguração do texto e sendo obrigado a compreender o pensamento do autor, o aspecto cósmico torna-se ilusório, permanecendo apenas na obra medieval dramática uma enorme promessa. E para concluirmos ainda com Paul Arnold: "Elle a, cette oeuvre, plus ou moins sciemment, plus ou moins clairement, posé deux principes cardinaux: la nécessité d'une psychologie précise, objective et complète; la certitude de l'existence, dans la d'interférences du monde sufrange sub-conscient de l'être, praisenable dont les rapports avec le nôtre peuvent être dé-



Aspecto da

finis et représentés dans certe marge même". "Esses dois princípios dominantes que caracterizam o drama cósmico moderno valerão a Shakespeare para marcar o Hamlet.

Partimos das considerações de Landauer, um dos melhores comentaristas de Shakespeare: "Aqui a exiguidade de uma ação exterior e bárbara se derama em um campo fechado onde o espírito luta contra o mundo vergonhoso dos instintos, a pureza espiritual com a mancha do desejo e o cálculo da sabedoria; e esta luta do espírito é evocada deante de nós, não somente sob o aspecto simulado da animalidade humana, mas no infinito de um sofrimento cósmico". Identificamos, assim, a tragédia de Hamlet com os milagres da Idade Média, onde o espectador tem de aceitar as forças misteriosas — místicas ou psicológicas — como se fossem um dogma.

Acreditamos que a tragédia shakespeariana se descobre lá da quando encarrada deuses ruído, o sofrimento e os complexos do Príncipe aceitos em sua totalidade: "To be or not to be. That is the question", — mesmo desprezando qualquer certeza que se possa ter a respeito da concepção religiosa de Shakespeare, "porque um drama que, de cena em cena, agita o problema do livre arbítrio e da vontade, não pode, abastantemente, refletir uma metafísica preconcebida".

Desprezando a frase de Goethe — "Hamlet é uma alma encarregada de uma grande missão, mas incapaz de realizá-la — chega-nos a noção da fatalidade que marca o seu espírito, mistura de fraqueza e força, de bondade e desconfiança, de lealdade também, percorrer do toda a escala das paixões do acesso de loucura — e depois se torna fingida —



A rainha morta (Caro lina Sotto Mayor)



Nova sede do Banco do Distrito Federal, à R. da Assembléia, 72-74 - Rio de Janeiro

PARA SERVIR AO COMÉRCIO E À INDÚSTRIA DO BRASIL

Modelar instituição bancária, o Banco do Distrito Federal S. A., um dos grandes estabelecimentos de crédito do Brasil, com Sucursais, Agências e Correspondentes em todas as principais praças do país, proporciona às forças produtoras nacionais completa e eficiente assistência bancária, prestando ao Comércio e à Indústria uma valiosa cooperação ao seu desenvolvimento.

Banco do DISTRITO FEDERAL S. A.
RUA DA ASSEMBLÉIA, 72-74



SUCURSAIS, AGÊNCIAS E ESCRITÓRIOS NAS PRINCIPAIS CIDADES DO BRASIL

ESTRADA COSMICA

Estudo de HERMILO BORBA FILHO



de Dinamarca

doçura do sonho. A sua existência é como um pesadelo, marcada pela infidelidade da mãe e pela lembrança do pai morto, causando-lhe uma melancolia incurável:

O, that this too solid flesh
[sh] would melt,
Thaw and resolve itself into
[a dew]
Or that the Everlasting had
[not fix'd
His canon, against self-slaughter:
[ghter! O God! God:
How weary, stale, flat and
[unprofitable

Seem to me all the uses of
[this world!

Arnold, porém, analisando a evolução do pensamento religioso de Shakespeare, tomando como ponto de partida o fato de haver o poeta escrito duas versões da tragédia, uma em 1602 e a outra em 1604, apresenta-nos a mudança que sofreram certas palavras no célebre monólogo de Hamlet, querendo dizer com isso que ele sofreu um choque religioso tendendo para o pessimismo. Marcel Pagnol, no prefácio de sua

tradução francesa, afirma que "le monologue d'Hamlet est sans conteste l'un des plus beaux morceaux de la littérature de tous les temps: mais sa beauté, et la deuxième édition d'Hamlet, le quarto, l'a ourement et simplement supprimé, ce qui semble prouver qu'à cette époque les acteurs ne le jouaient plus". Tudo indica, entretanto, que a modificação sofrida pelo monólogo não foi devida a belezas estéticas apenas, mas a uma modificação na marcha religiosa do poeta. Como tão agudamente observa Arnold. Vejamos quais as palavras supressas. O leit-motiv do "despertar", do Julgamento, da recompensa do Justo e do castigo do Injusto; "a esperança alegre de..." tudo o que marca um caráter cristão desapareceu na segunda edição. A Graça ausentou-se do poeta. Tudo agora está envolvido em um cruel pessimismo. A tentação do suicídio — condenado pela moral cristã — torna-se uma constante e o Hamlet que disse (permanência do texto antigo): "Or that the Everlasting had not fix'd His canon 'gainst self-slaughter!" procura por todos os cantos a solução no suicídio. O Príncipe quer "dormir, sonhar" e a única dificuldade reside no fato de não saber se o sonho da morte não será um sonho como os outros. Nenhuma esperança cristã. A segunda vida torna-se um pesadelo, um perigo, "a possibilidade de uma desgraça pior".

A consciência começa a agir e torna o homem um covarde. Ele não é mais um sonhador, nem duvida, mas acredita-se um sábio que penetrou no âmago das coisas, na essência do mundo e compreende a inutilidade de toda a sua agitação, mas não têm forças para dedicar-se à inércia. Não sabe mais qual o caminho a seguir. A vida real é um sofrimento perpétuo, a outra vida é o mesmo sofrimento na melhor das hipóteses.

Landauer afirma e concordamos com ele: "a trágica história de Hamlet apresenta-nos a gênese ou a história da dor cósmica, a dor da Criação. "Sem que diga isto no texto, mas que tem de ser aceito da mesma maneira como era aceita a interferência arbitrária da Virgem nos milagres medievais, Shakespeare conclui pela inutilidade da vida "que não tem outro sentido senão a absurda vontade do céu", as frases, tomando um novo sentido na versão última e mesmo se contradizendo. Se anteriormente o poeta escreveu e fez com que Hamlet dissesse: "O céu recobra a minha alma", agora, as suas últimas palavras ao morrer, são: "The rest is silence". Quando, porém, penetra no quarto do rei para o matar, murmura:

Now might I do it pat, now
[he is praying;
And now Pll dor't: and so he
[goes to heaven:
And so am I revenged. That
[would be scann'd;
A villain kills my father; and
[for that,
I, his sole son, do this same
[villain send
To heaven.
O, this is hire and salary, not
[revenge.
He took my father grossly,
[full of bread,
With all his crimes broad
[blown, as flush as May;
And how his audit stands who
[knows save heaven?
But in our circumstance and
[course of thought,
"This heavy with him: and am
[I then revenged,
To take him in the purging
[of his soul,
When he is fit and season'd
[for his passage?
No.



HAMLET (Sérgio Cardoso) confessa suas dívidas a seu fiel amigo HORACIO (Sérgio Brito)

A hesitação religiosa de Shakespeare influenciou toda a tragédia, apesar de ser respeitada, aparentemente, a religião cristã. E a hesitação, por conseguinte, manifesta-se na figura pivô do drama. Desviou-se a interpretação cristã do perdão e todo o ser de Hamlet se encaminha para a vingança, ausente da piedade e da caridade. Mas o valor cósmico do ato permanece inalterado, mesmo que o Príncipe se rebelde contra o Criador que tudo previu, que tudo determinou, que anulou o acaso, pois "há uma providência predestinada até para a queda de um parda".

Cria-se, assim, em Hamlet, uma nova mística. O Príncipe sente-se no direito de se insurgir contra a vontade de um Criador, reconhece a inutilidade da existência e suporta a vida "não como uma prova gloriosa e altamente recompensada, mas como um destino sem saída. A livre escolha, o livre arbitrio é uma ilusão; nossos atos nos são impostos pela matéria na qual somos formados e pela vontade tirânica do céu. Uma terrível acusação à face do céu, eis aí talvez o sentido último de Hamlet".

Abstraindo-se o fantasma convencional que aparece a Hamlet — o fantasma do seu pai assassinado — e que pode ser ainda uma negativa ao sobrenatural ou o ridículo objetivado de coisas não materiais, somente os seres humanos tomam parte ativa na tragédia, isto é, o elemento cósmico apresenta-se por meios indiretos na pessoa humana e muito principal-

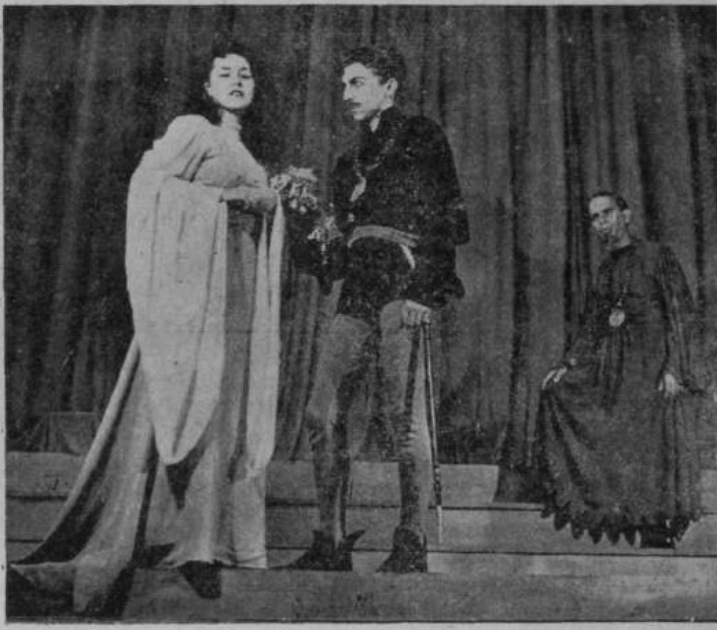


Pernambuco de Oliveira, o cenógrafo e figurinista de HAMLET

mente nas meditações do herói, o que retarda a ação, se nos quisermos exprimir em termos dramáticos.

Hamlet situa-se, com toda a luta das paixões, pensamentos contraditórios e ação desorientada, na fronteira que separa o humano do cósmico. Todas as forças misteriosas que nele se agitam, a facilidade de filosofar e de procurar a essência das coisas, o pensamento perdendo-se nos fatos transcen-

denciais, a própria insubmissão contra a predeterminação daquele que prevê até a queda de um parda, tudo isso revela uma intercalação entre o homem e a sua existência cósmica. Revela ainda mais que o pensamento religioso de Shakespeare, sofrendo um colapso, não conseguiu, mesmo lançando mão da ensaio cósmica da vida e da arheresia, libertar-se da compressão, a tragédia de Hamlet refletindo essa prisão.



OFELIA (Maria Fernanda) despede-se de LAERTES (Luiz Linhares), que vai a caminho da França, sob o olhar de PALÔNIO (Antônio Ventura), pai de ambos

COOPERATIVA Banco do Nordeste LIMITADA

Sede: RUA DO IMPERADOR N.º 310

Endereço Telefônico: "BANORDESTE" — Telefone n.º 6260

RECIPE — PERNAMBUCO

EMPRÉSTIMOS — DESCONTOS — DEPÓSITOS

Secção de ADMINISTRAÇÃO DE BENS com carteira especializadaz em LOTEAMENTO e VENDA de TERRENO urbano

ALCIDES MARROQUIM
Presidente

WALDEMAR CARDOSO
Gerente

ASPECTOS Da NOVA POLITICA SOCIAL No BRASIL

25 anos bem vividos da Caixa de Aposentadorias e Pensões dos Ferroviários da Great Western, no sentido da elevação do nível de vida dos trabalhadores brasileiros

Já é um lugar comum afirmar-se em pleno século do homem do povo, que o trabalho é o maior fator da elevação da dignidade humana. Por isso mesmo é que os governos que se firmam por estes mundos conturbados, contúndios e inquietos, encaminham-se no sentido das massas, assistindo-as, organizando-as, amparando-as e lhes dando elementos de sobrevivência ante lutas e tão ameaçadoras forças de desorganização, de indisciplina, de revolta e de desamparo. Com tanto trabalho a realizar, com tantas iniciativas a adotar, com tantas possibilidades a desenvolver, não há para os governos outro rumo senão aquêle de preparar as massas um clima de confiança, de estabilidade, de segurança e sobretudo de oportunidade para a aplicação de atividades fecundas das quais resultados palpáveis hão de surgir forçosamente, para as coletividades, para as nações, para o mundo que aspira progresso e bem estar.

Dai o reajustamento que se observa entre empregados e empregadores, sob a ação vigilante do Estado, de vez que os governos já não podem se deixar ficar naquele velho e decadente plano de predominância dos últimos sobre os primeiros, nem no extremismo exclusivista dos primeiros sobre os últimos. Como força estimulante, os governos terão que incentivar sempre o espírito de colaboração entre todas as categorias de trabalho e de produção, observando-se, sem dúvida, a devida subordinação no amplo e superior sentido da organização social. Nesse sentido o Estado alarga o seu poder de ação, intervindo mais diretamente, como órgão coordenador e supervisor, nos diversos setores das atividades econômicas e sociais. Não importam as divergências e conflitos doutrinários quanto à amplitude que se empreste a esse poder intervencionista, posto que a realidade se apresenta sempre como uma imposição clara e ineludível face à crescente preponderância dos interesses das coletividades sobre os interesses individuais. Já se disse que todas as atividades humanas são forças sociais agindo negativa ou positivamente. O Estado, como sociedade or-

ganização social da maioria dos países altamente culturais, igualmente se consolidou em leis que afastaram da mentalidade política dominante aquêle velho preconceito que fazia do problema social do Brasil um simples "caso de polícia". Custámos é verdade, mas já temos condições de trabalho ajustadas às necessidades e costumes, tradições industrial e oportunidade econômica do país como sejam: — regulamentação das horas de trabalho; garantia de um salário conveniente; proteção aos trabalhadores contra moléstias ou acidentes do trabalho; proteção à infância, aos adolescentes e às mulheres; pensões à veiche e à invalidez; defesa dos trabalhadores no estrangeiro; liberdade sindical; organização do ensino profissional e técnico; além de outras medidas úteis aos trabalhadores e Nação.

Num país jovem como o nosso, tanto necessitamos de capital como de trabalho. Para assegurar este está ai uma sábia legislação e para garantir aquêle não há como se legislar e agir no sentido da transformação do operariado em força orgânica capaz de cooperar sem abandonado, ser uma presa fácil dos elementos perturbadores e dissolventes. A essas prerrogativas, é preciso que se compreenda, correspondem deveres e todos quanto cooperam com o seu trabalho para o progresso nacional, possuem igualmente respeitáveis direitos.

Com a "lei dos dois terços" que regulamentou o trabalho nacional, com as férias remuneradas, com o salário mínimo, com a organização dos sindicatos, com o regime de oito horas de trabalho, com as convenções coletivas a assegurar a empregadores e empregados condições de remuneração e execução de trabalho, com as comissões mistas de conciliação e juntas de conciliação para solucionar os dissídios entre as classes patronais e operárias, com a regulamentação do trabalho de menores e das mulheres e com as Caixas de aposentadorias e pensões que asseguram tranquilidade e pensões que asseguram tranquilidade e pensões que asseguram tranquilidade ao trabalhador brasileiro foi dado um patrídio de



Vista parcial da Vila dos Ferroviários em Areias

Atualmente, a Caixa de Aposentadoria e Pensões dos Ferroviários da Great Western vive uma fase das mais promissoras, com saldos orçamentários auspiciosos e dispoendo de um "fundo de garantia" de cerca de vinte e cinco milhões de cruzeiros.

A sua receita em 1947 foi superior a 13 milhões de cruzeiros, alcançando a sua despesa oito milhões e oitocentos mil cruzeiros, o que indica um saldo financeiro de quatro milhões e quinhentos mil cruzeiros, índice de equilíbrio, estabilidade rigorosa e segurança administrativa.

E, veja-se que a Cap dos Ferroviários da Great Western assiste a 800 aposentados, paga 4.000 pensões e concede anualmente 250 auxílios, para escrever apenas números redondos, o que equivale, só com benefícios, uma despesa por ano de cinco milhões de cruzeiros.

FARMACIA, HOSPITAIS E MEDICOS PARA OS FERROVIARIOS

Como o setor da assistência médico-hospitalar é farmacêutica é por demais complexo, a Cap dos ferroviários da Great Western ainda não conseguiu se libertar das condições precárias em que funcionam os seus serviços assistenciais, dependendo entretanto a sua direção sempre e sempre a maior atenção no sentido de melhorar cada dia o seu plano de assistência médico-hospitalar e farmacêutica, bem como ampliá-lo por toda a zona nordestina onde se espalham núcleos de ferroviários.

Assim mesmo, 12 médicos das mais diversas especialidades, atendem diariamente os segurados da Cap dos Ferroviários da Great Western, no ambulatório da rua do Hospício, enquanto postos médicos situados em sedes de zonas, com um total de 26 médicos e 8 enfermeiros, assistem nos ferroviários residentes em João Pessoa, Taboão, Guarabira (Estado da Paraíba), Maceió, Palmeira dos Índios, Pedra (Estado de Alagoas), Jaboatão, Vitória de Santo Antão, São Caetano, Ribeirão, Palmara, Carhotinho e Carpina (Estado de Pernambuco), com a farmácia e o gabinete dentário, a Cap dos Ferroviários da Great Western completa o seu porque assistencial.

CREDITO PARA OS FERROVIARIOS

Imprimindo nos serviços uma orientação que convém aos contribuintes, a Cap dos Ferroviários da Great Western introduziu às suas atividades, em 1932 mais um ponto muito bem recebido pelos ferroviários — A Carteira de Empréstimos já opera hoje com Cr\$ 5.200.000,00, esperando a sua previdência que o Departamento Nacional de Previdência Social atenda as suas solicitações para a elevação dessa importância para Cr\$ 6.700.000,00, com a qual será possível satisfazer a todos os segurados aptos à realização da operação de empréstimo.

Dentro de suas bases fixadas em lei, as operações que tinham um limite de Cr\$ 3.000,00 pa-

ra cada segurado, foram ampliadas em 1947 para Cr\$ 8.000,00 aos ferroviários estabelecidos e Cr\$ 4.000,00 aos não estabelecidos.

450 segurados candidatam-se mensalmente a essas operações de crédito, inclusive os que pleiteiam reformas de empréstimo, concessão regulada para aqueles que já cobriram 50% do empréstimo anterior.

CASAS PARA OS TRABALHADORES DA GREAT WESTERN

Em 1937, as Caixas de Aposentadorias e Pensões de Ferroviários começaram a fazer funcionar, por força de decreto-lei, o plano da casa própria para os seus segurados. Esse plano visa a construção de residências confortáveis, higiénicas e — o principal — ao alcance da modesta bolsa do ferroviário. Com a execução desse plano a Caixa de Aposentadorias e Pensões dos Ferroviários da Great Western tem enfrentado sérios obstáculos, sobretudo porque o elevado custo de material e mão de obra dificultam edificações baratas. Apesar disso, 19 casas em Romarinho, no bairro do Espinho, abrigam funcionários de categorias mais elevadas e 89 agrupadas e isoladas em Areias constituem numerosas lares de ferroviários que viram resolvidos os seus problemas fundamentais de casa própria. 60 outras residências para ferroviários estão em andamento em Ipiranga, no casarão de Tigipió, encontrando-se 10 já em vias de serem habitadas. Em Ipiranga serão construídas ainda 104 casas, completando-se assim uma das maiores vilas operárias do Recife. Ainda em Areias estão em construção mais 80 casas, num terreno com capacidade para 110.

Contando com 8 casas construídas isoladamente em diversas localidades, a Carteira Predial da Cap dos Ferroviários da Great Western atinge a 189 construções concluídas, estando com mais 60 em vias de conclusão. Nesse plano da casa própria, para o exercício de 1948, consta o início de construção de grupos residenciais em João Pessoa, Maceió, Jaboatão e Palmara, assim com o término das construções iniciadas em 1947.

Vê-se assim que a Cap dos Ferroviários da Great Western não encetou fracamente o plano da casa própria para os seus segurados. Começou com vontade de ir até o fim. Começou com disposição e na execução desse plano não tem medido dificuldades. Enfrentando com decisão um grande problema, venceu os obstáculos e as casas estão surgindo. Surgindo aqui e ali, surgindo como uma bandeira social, harmonizando necessidades e reivindicações com possibilidades e recursos.

Os onze mil segurados que hoje integram os quadros de contribuintes da Caixa de Aposentadorias e Pensões dos Ferroviários da Great Western, asseguram ao seu órgão de previdência e assistência um destino que será tanto mais promissor quanto melhor dirigidas e mais sabiamente aplicadas as suas rendas.

(Continua na pag. 6)



Vista parcial da Vila dos Ferroviários em Piranga

ganizada e dentro de sua finalidade de fomentar, disciplinar e coordenar essas atividades, não pode ficar indiferente ao campo social e econômico, fazendo-se sentir com frequência, regulamentando as relações entre o trabalho e o capital, numa ação fiscalizadora às atividades da indústria e do comércio, da lavoura e da pecuária, coordenando a produção, ordenando a circulação e o consumo e desenvolvendo a final providências de naturezas diversas para prover o bem comum. Com essa inuêtuete que domina a vida contemporânea, não abelada por crises econômicas que se projetam sobre os planos políticos, não se pode, contudo, ser pessimista mesmo que se sintam todos os males que tornam angustiados e apreensivos o amanhã da maioria dos povos civilizados. Ante o desequilíbrio generalizado em outros países, temos algo a nos envaidecer e estimular sobretudo no campo em que mais se intensificam em outras terras bases social como no econômico, que tanto no social como no econômico, não nos deixámos ficar em estado de passividade e rotina. As reivindicações trabalhistas que constituem conquista incorporadas à legis-

vida mais compatível com a dignidade da pessoa humana.

Uma resultante magnífica dessa política social é a Caixa de Aposentadoria e Pensões dos Ferroviários da Great-Western, instalada nesta cidade do Recife, em 20 de março de 1923, dois meses após estar em vigor o decreto-lei 4.682 que foi a primeira lei de previdência social no país.

Num ambiente ainda não devidamente preparado a essas iniciativas de alto significado social, a Caixa dos Ferroviários da Great Western passou situações financeiras difíceis, acertando com o péso de aposentadorias ordinárias em massa até 1931, quando as organizações previdenciais se encaminharam por rumos mais seguros e cálculos atuariais infalíveis, sem o perigo da desproporcionalidade da despesa em relação à receita. As leis posteriores ao decreto 4.682 e a ação do Conselho Técnico Atuarial do Ministério do Trabalho, pouco a pouco reajustaram as Caixas de Pensões dos Ferroviários que já estão em condições de arcar com os encargos sempre crescentes que lhes são atribuídos.



Casas conjugadas da Vila dos Ferroviários, em Piranga



Casa da Vila do Passarinho



BANCO COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE PERNAMBUCO S. A.

14.º RELATÓRIO DA DIRETORIA, APRESENTADO À ASSEMBLÉIA ORDINÁRIA DOS ACIONISTAS, EM 28-2-1948, REFERENTE AO EXERCÍCIO FINANCEIRO DE 1947

SUBS. ACIONISTAS:

Temos mais uma vez a honra e a satisfação de apresentar ao vosso exame e consciente julgamento o relatório e as contas da gestão administrativa do nosso Banco, referente ao exercício de 1947, terminado a 31 de Dezembro pp. Em obediência às determinações legais e estatutárias, fazemos acompanhar o balanço da demonstração da conta de Lucros e Perdas, elementos estes que vos darão uma idêntica perfeita da situação privilegiada a que chegou a nossa Instituição ao fim de mais esta etapa da sua vida.

SITUAÇÃO GERAL:

A desorganização política e económica que, em consequência da última guerra atingiu o mundo, veio mais depressa e precipitou-se com uma intensidade maior do que era previsto pelos observadores mais argutos e experimentados. O nosso país, que também lutou nos campos de batalha, não poderia escapar à regra geral e assim teve de suportar também o seu quinhão no peso das responsabilidades morais e materiais que a todos atingiu. A depressão económica, as restrições comerciais, a inadiável necessidade de prover a reconstrução, o desentendimento e o descrédito são factores a agravar a crise financeira em que se debate a quase totalidade dos países do globo. A margem das conferências internacionais nas quais se procura conciliação para os interesses de todas as nações, tem cada uma de cuidar e resolver os seus próprios problemas internos, alguns dos quais apresentam características graves de quase insuperável solução. O Brasil vem sentindo de perto os malefícios nefastos desse estado de coisas e embora se não haja ainda encontrado uma fórmula eficiente para vencer todos os obstáculos, caminha-se contudo com esse objectivo e esperanças renasçam para um futuro melhor. No que respeita particularmente a Pernambuco, todos os fenómenos da crise se fizeram sentir na sua vida político-administrativa atingindo indiscriminadamente os seus diferentes ramos de actividade e de produção. O mais directo ferido, porém, foi precisamente o de maior significação para a economia do Estado — o açúcar.

Os fatos são do conhecimento geral pelos juiciosos comentários com que deves já se ocuparam a nossa Ilustrada imprensa e os organismos competentes e responsáveis pelo amparo e defesa dessa fonte primordial da riqueza de Per-

nambuco. Por isso nos dispensamos da penosa tarefa de relembra-los.

Acreditamos todavia que o patriotismo dos nossos dirigentes fará por fim que todos se compensem da necessidade ineludível de dar ao nosso país, definitiva e decisiva ao magno problema brevidade e de estabilidade, possibilitando assim o desenvolvimento do trabalho nos campos, o incremento da produção e o consequente bem estar e progresso do nosso Estado.

SITUAÇÃO ECONÓMICA:

Sob este tópico temos tido sempre a feliz oportunidade de acentuar a crescente prosperidade do nosso Banco que de ano para ano se apresenta mais pujante e mais firme, ampliando e robustecendo as suas Reservas.

Destas vez, podemos ainda repetir-vos as mesmas afirmativas, consequência que são de um programa que começou ao mesmo tempo em que, há mais de onze anos, iniciamos aqui a nossa situação e do qual não nos afastamos uma linha sequer.

Uma opinião insuspeita quanto ao significado do nosso trabalho e à elevada expressão da nossa solidez, está neste pequeno trecho do relatório enviado à Gerência pelos serviços autónomos da Contadoria e Fiscalização:

"Os resultados obtidos de acordo com os números abaixo, mais uma vez comprovam a situação privilegiada em que se encontra esta Instituição que, suportando com galhardia as mutações oriundas de uma situação económico-financeira cada vez mais tensa, alcançou o fim de 1947 sob as melhores perspectivas. Essa compensação do trabalho e do esforço de V. S. e dos que de perto lhe auxiliam representa RANQUE NOVO NAS ARTERIAS DO BANCO para a marcha vitoriosa com que tem vencido e vencerá sempre todos os obstáculos".

Realmente, com a dotação do exercício em relato de Cr\$ 1.691.119,80 e mais a verba de Cr\$ 325.412,10 que ficou em Lucros Suspensos os nossos FUNDO DE RESERVAS elevaram-se a vultosa cifra de Cr\$ 10.918.846,70 sem incluir a C/ de Resultados Pendentes, onde permanecem mais Cr\$ 2.804.773,00.

De considerar sob o mesmo ponto de vista, é também a sensível valorização do nosso Edifício-Sede, à Avenida Rio Branco, 193 e que mais valioso se tornará ainda com as obras de adap-

tação que nele se vão realizar, finalmente, para a nossa instalação definitiva.

E pois com justificado apreço que a administração se congratula convosco pela auspiciosa situação alcançada pelo nosso Banco.

OPERAÇÕES:

Dentro do mesmo ambiente e da mesma compreensão a que nos referimos, sob este tópico, no nosso Relatório anterior, proseguiram, no presente exercício, os métodos de prudência e acatamento necessários ao manejo das nossas operações.

Por força do retraimento dos negócios em geral que continua a evidenciar-se, fizemos crescer de maneira expressiva o montante das nossas colocações, em comparação, ao exercício passado, não obstante as nossas depósitos se houverem elevado um pouco acima dos seus níveis anteriores.

Esta circunstância tem dois apêtos encorajadores: a capacidade de resistência económico-financeira do nosso comércio e demais forças produtoras do Estado e a confiança, encorajadora que nos é dispensada pela nossa distinta clientela e especialmente pelos nossos depositantes.

São as seguintes as cifras representativas das nossas principais operações: (Em comparação com igual data do ano de 1946)

	31-12-46	31-12-47
Depósitos:	107.117.345,80	108.324.017,50
Colocações:	119.955.105,90	108.882.481,40
Soma Geral		
ou Balanço:	255.020.381,80	260.119.546,50

Diligenciamos oportunamente junto aos poderes competentes no sentido de nos ser concedida uma licença para operações cambiais, cujo processo se acha em andamento. Aquacareiro, assegurando-lhe meios práticos de se pelo interesse material que podemos esperar do manejo dessas operações do que pela satisfação que nos sentimos no dever de dar a respeitáveis interesses de clientes nossos que nos honram com a sua preferência.

AGENTES E CORRESPONDENTES:

Repetimos aqui os nossos agradecimentos a todos os nossos Agentes e Correspondentes espalhados pelo Brasil e no Exterior, pela íntima colaboração que deles recebemos e a qual muito nos esforçamos por bem retribuir.

NOSSA SEDE PRÓPRIA:

Os serviços de adaptação do nosso edifício à Avenida Rio Branco n.º 193, devem estar sendo

executados ao tempo da publicação do presente Relatório. Os nossos apêtos no sentido de conseguir a desocupação das lojas do andar térreo, não tem sido atendidos, mas assim mesmo as obras terão agora o seu início.

RESULTADOS:

Deante de tudo quanto já vos expuzemos não podemos deixar de considerar plenamente satisfatórios os resultados colhidos no exercício em relato.

De acordo com a demonstração constante da C/Lucros & Perdas, já publicada, aliás, em conjunto com o Balanço Geral na imprensa do Recife no dia 11/1/48, a receita bruta do exercício elevou-se a cifra de Cr\$ 14.072.215,60 que se acrescentou a quantia de Cr\$ 419.593,70 mais da C/ Lucros Suspensos perfazendo o total de Cr\$ 14.491.779,30 que fez face aos seguintes encargos e aplicações:

Despesas Gerais	Cr\$ 599.218,30
Ordenados e Gratificações	2.897.544,20
Juros pagos ou creditados	6.215.998,00
Impostos e Contribuições	473.161,40
Amortizações e Depreciações	
e Prejuízos	177.111,00
Fundo de Reserva	141.119,80
Percentagens da Diretoria	262.239,50
Dividendos em 25 e 27 à razão do	828.975,00
Fundo para a integralização do Capital	300.000,00
Fundo de Provisão	1.250.000,00
Lucros Suspensos p/o Semestre vindouro	326.412,10
	14.491.779,30

FUNDO DE RESERVA:

Já tivemos oportunidade de linhas atrás, nos referirmos ao vulto das nossas reservas com índice de segurança da mais alta expressão para o nosso Banco e para todos os interesses que lhe são confiados.

Discriminamos agora, as verbas sob as quais se acham classificadas os referidos fundos, para vossa melhor apreciação:

Fundo de Reserva Legal	Cr\$ 783.818,70
Fundo de Provisão	8.000.000,00
Fundo p/Integralização do Capital	1.650.000,00
Fundo p/Depreciação de Imóveis	158.615,90
Lucros Suspensos	326.412,10
	10.918.846,70
Fundos Pendentes	2.804.773,00
	13.723.619,50

DIRETORIA:

Não houve modificações no corpo de Directores, mantendo-se estes nos seus cargos em perfeita colaboração com a Gerência.

CONSELHO FISCAL:

De acordo com a lei, ter-se-á de eleger nesta Assembleia os membros do Conselho Fiscal e respectivos Suplentes para o exercício de 1948, visto terminar agora o mandato dos atuais Conselheiros, Srns. Dr. Thomaz de Oliveira Lobo, Vitorino Figueiredo Mala e Alfredo Antônio Fernandes, para cujo parecer, adiante, transcritos nos permitimos chamar a atenção dos Srns. Acionistas.

PESSOAL:

E-nos sempre agradável, consignar aqui o nosso reconhecimento ao esforço e dedicação, que o nosso pessoal tem demonstrado em prol do maior progresso e conceito do Banco. O nosso quadro de funcionários é, de um modo geral, composto de elementos capazes, competentes e conscientes dos seus deveres e responsabilidades.

Por isso é sempre maior o nosso desejo de lhes proporcionar bem estar e tranquilidade de espírito e tudo fazemos para, cada vez mais e melhor preلمarmos a sua abnegação.

CONCLUSÃO:

Relatados como ficaram os fatos que mais de perto interessam à vida do nosso Banco, concluímos o presente com um voto de congratulações pelo êxito alcançado em mais esta etapa vencida.

O intenso labor a que nos tivemos de dedicar julgamo-lo bem compensado não só pelo vulto apreciável dos resultados colhidos, mas principalmente pelas renovadas provas de confiança em que nos honra e pelo estímulo que à nossa situação oferecemos em todos os preciosos momentos.

Para qualquer outro esclarecimento, encontrá-lo-emos inteiramente à vossa disposição.

Recife, 15 de Janeiro de 1948

- a) Arnaldo Almeida Alves de Brito, Diretor Presidente
- a) Jayme Ferreira dos Santos, Gerente

PARECER DO CONSELHO FISCAL

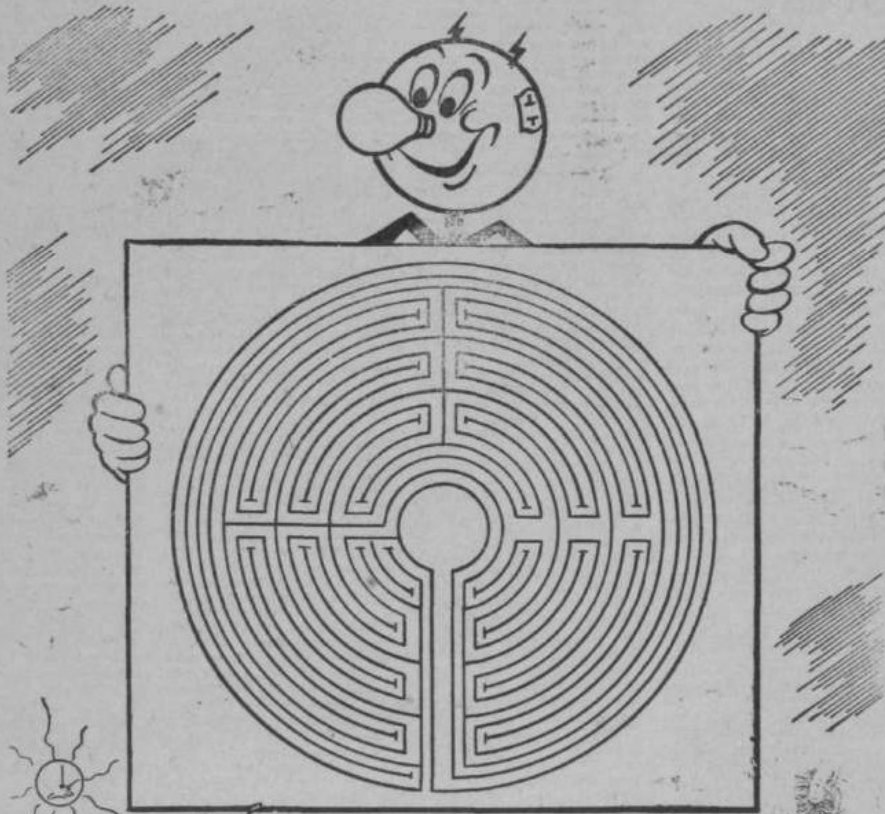
Cumprindo as determinações Estatutárias e os dispositivos da Lei que rege as sociedades anónimas em reunião na sede do BANCO COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE PERNAMBUCO S/A, procedemos à verificação de todas as contas inerentes ao Balanço encerrado em 31 de Dezembro de 1947 e, após o exame nos livros e demais documentos que nos foram apresentados, concluímos pela exactidão e clareza da referida documentação.

Por se achar tudo em perfeita ordem e estando este Conselho de pleno acordo com a aplicação dada aos resultados obtidos, sem de parecer que se devam aprovar todas as contas do exercício de 1947 e os demais atos praticados pela Diretoria.

Recife, 18 de Janeiro de 1948

- aa) Thomaz de Oliveira Lobo, Alfredo Antônio Fernandes, Vitorino Figueiredo Mala

NOTA: — O Balanço e a Demonstração da Conta "Lucros & Perdas" foram publicados neste jornal em 11/1/48.



Labirinto

— Ao leitor parecerá muito simples enveredar pela entrada inferior deste labirinto e atingir o centro do mesmo. Para se ter uma idêntica em contário, será bastante fazer a experiência, com o auxílio de um lápis.

Também, para aqueles que não estão perfeitamente familiarizados com o engrenagem dos meus múltiplos serviços, poderá parecer muito simples o fato de eu atender no momento desejado. Mas, a verdade é que, muitas vezes, por motivos alheios à minha vontade, encontro grandes dificuldades para chegar ao ponto de destino — explica "Seu" Kilowatt, e o cado elétrico.

ASSISTENCIA MEDICO - HOSPITALAR A TODOS OS SERVIDORES FEDERAIS DO PAIS

Em começo de execução o plano traçado pela atual administração do Ipase — Convênios com estabelecimentos hospitalares — Assistência odontológica.

As se inaugurarem, no dia 22 de novembro próximo passado, os melhoramentos do "Sanatório Bela Vista", em Correias, no Estado do Rio, o sr. Alcides Vieira Carneiro, Presidente do Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado, apresentou um memorial ao Presidente da República no sentido de serem ampliados os serviços de assistência no interior do País. Nesse memorial foi exposto detalhadamente um programa de maiores proporções, de modo a assegurar-se aos servidores federais nos Estados, vantagens idênticas às que se proporcionam aos funcionários do Distrito Federal, desde o início das atividades do Hospital dos Servidores do Estado.

O plano de assistência médico-hospitalar aos servidores federais em todos os Estados do Brasil foi elaborado pelo Conselho Técnico de Assistência, órgão recém-criado com o intuito de estimular os trabalhos científicos e coordenar as atividades técnicas dos médicos da Divisão Médico-Hospitalar, o qual é presidido pelo sr. Dr. Cyro dos Anjos, Diretor do Departamento de Assistência do IPASE. Simples, concreto e minucioso, o plano de assistência médico-hospitalar baseia-se, sobretudo, nas características peculiares que, individualizam cada região e atende, dentro dos modestos recursos solicitados ao Governo, às necessidades dos funcionários públicos federais residentes no interior do País. Sua estruturação, chegada ao término após pacientes estudos, fundamenta-se nos dados demográficos obtidos, e é traçada de maneira a se poder fixar a



O Presidente Eurico Dutra em visita ao "Sanatório Bela Vista" — Petrópolis

distribuição dos benefícios assistenciais nas diferentes localidades, de acordo com o número de servidores de cada uma delas.

As mais recentes conclusões a que estão afetos os levantamentos estatísticos das atividades da autarquia, apresentam um montante de 174.122 segurados do IPASE que, acrescidos dos 10.856 funcionários estaduais e municipais, em face de convênios com algumas unidades da Federação (Bahia, Alagoas, Estado do Rio, Mato Grosso e Goiás) se eleva a 184.978. Embora não haja, por parte do IPASE, obrigatoriedade de prestar assistência médica aos 10.856 segurados dos Estados e Municípios pelo fato de os respectivos convênios preverem a

penas benefícios de aposentadoria e pensão, a Administração da autarquia pretende, oportunamente, a assinatura de termos aditivos a esses convênios, pelos quais será então possível estender-lhes a assistência médico-hospitalar.

O critério adotado no plano de assistência, no que concerne à lotação equitativa e eficiente do pessoal técnico-administrativo, visa uma distribuição diretamente proporcional ao aumento de contribuintes locais, grupados segundo a capacidade do Estado ou Território. Assim, no primeiro bloco, em que se compreendem o Território do Acre, Maranhão, Piauí, Rio Grande do Norte, Parahyba, Alagoas, Sergipe, Espírito Santo, Mato Grosso e Goiás, o IPASE manterá um médico em

cada Capital e credenciará médicos outros nas cidades do interior onde houver funcionários federais com direito a benefício. O segundo bloco, reunindo maior quantidade de servidores, abrange o Amazonas, Pará, Ceará, Pernambuco e Santa Catarina; Estados em que haverá dois médicos normalmente, excluindo-se os que poderão ser admitidos, extraordinariamente, se as circunstâncias o exigirem. Na Bahia, Estado do Rio, São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul, unidades da Federação onde existe a maioria dos funcionários públicos federais, o IPASE terá cinco médicos próprios e mais outros credenciados. Aos médicos do Instituto nos ambulatórios diversas localidades do País, estarão, afetos os diagnósticos e

tratamentos dos casos clínicos e cirúrgicos mais comuns e o encaminhamento dos doentes cujo estado de saúde inspire cuidados que requeiram internação em casas de saúde e hospitais.

AS FUTURAS REALIZAÇÕES DO IPASE EM MINAS GERAIS

Quando na visita de inspeção à Agência do Instituto de Previdência e Assistência de Belo Horizonte, o sr. Alcides Carneiro, Presidente da autarquia, acompanhado pelo dr. Cyro dos Anjos e major Vitorino Correia, Diretores dos Departamentos de Assistência e Previdência do IPASE, respectivamente, teve oportunidade de declarar à imprensa que sua viagem se relacionava com os serviços afetos ao IPASE e que aproveitava o ensejo para entrar em entendimentos com os governos do Estado e do Município, a fim de ser executado um plano de assistência ao servidor público federal traçado pela Administração do IPASE e concernente a edificação de grupos de casas residenciais. Depois de frisar que esse é um dos seus principais objetivos, ressaltou que planos de idênticas condições foram delineados para os Estados da Parahyba e da Bahia. Entretanto, o que pretendia fazer em Minas Gerais, segundo, aliás, o vasto programa assistencial elaborado pelo Presidente Eurico Dutra, reveste-se de maior amplitude.

No novo prédio de dezesseis pavimentos, que está sendo construído nesta cidade, à rua Espírito Santo, onde passará a funcionar a Agência do IPASE, lembrando ainda o que disse o sr. Alcides Carneiro, em relação à identificação da assistência médico-social ao servidor do Estado, em Minas, serão instalados ambulatórios de

Radiologia, dotados de aparelhos de Raios X, de Clínica Médica e Cirurgia Geral. Por esses ambulatórios passarão os enfermos que necessitem de internação nos sanatórios, hospitais e clínicas especializadas com os quais o IPASE mantém convênios, e, na medida de suas possibilidades, ali se farão os diagnósticos e tratamentos dos casos clínicos e cirúrgicos de rotina. A Assistência médico-hospitalar, enquanto o IPASE não dispuser de hospitais próprios, far-se-á em instituições públicas ou particulares, mediante convênios e, preferentemente, sendo isso possível, nos centros hospitalares dos Institutos e Casas de Aposentadoria e Pensões, num perfeito sistema de comunidade e cooperação técnico-financeira. Os tuberculosos serão atendidos em ambulatórios adequados, com rigoroso controle roentgenofotográfico, aplicações de pneumotórax, orientação dietética e medicamentosa. Para prestar assistência aos doentes selecionados pelos ambulatórios, serão credenciados médicos locais, recolhidos mediante concurso de títulos, pela Divisão Médico-Hospitalar (D.A.H.), e que serão remunerados de acordo com as tabelas aprovadas pela Direção do Departamento de Assistência do IPASE. Por intermédio dos Gerentes serão fornecidos medicamentos tabelados, da mesma forma como se processa na sede do Instituto.

Além da assistência médica e a juízo do corpo clínico local, prestar-se-á assistência dentária aos funcionários públicos, limitada, porém, à remoção de focos tais como extrações, curatelas, epictomias, etc., até o valor máximo de Cr\$ 200,00 cruzeiros segundo orçamentos aprovados previamente pelos órgãos competentes.

Metodos de Caça, Etc.

(Continuação da pág. 1)

seu avô uma fórmula de vacina infalível contra a moléstia (hidrofobia); consistiu em administrar ao cãozinho ainda jovem, uma beberragem de rapadura, sal e alho por ocasião da "força da lua" (3 dias antes e 3 depois da lua cheia ou nova).

A lua tem papel preponderante nas doenças. Assim é que na "força da lua" os cães mordidos correm (hidrofobos), as gestantes em estado adiantado dão a luz, os mordidos de cobra sofrem terrível dor de cabeça, os maníacos tornam-se furiosos, etc.

A melhor pelagem para o cão de caça é a vermelha, seguindo-se a preta. O cão rajado e de randa nas costas (enrolada) é reimoso (trixento) e o de cor branca é rejeitado por ser emorecido. O puzinho (com dedos suplementares) acoua lobisome.

Para obter pontaria infalível, esfregar o sangue do beiflor preto na arma e comer o fígado cru. Caçador que presa sua arma não atira em urubú nem permite que mulher a toque. Há espingardas de chumbo frio, — mortais e de chumbo quente, que deixam a caça escapar.

O lobisome e a calpora (curupira dos índios) são fatos incontestáveis. A calpora ou calpora, — mãe do mato, é descrita como um ser riuvo, assexuado, de calcanhares voltados para a frente, cavalgando um porco do mato ou outra qualquer caça e insaciável fumante de cachimbo. Protege a fauna contra os caçadores que a devastam sem necessidade ou atiram em fêmeas prenhes:

"Vestida só com os cabelos é a roupa que lhe convem

"E os lais cabelos curtos no corpo da calpora são como espinho de cardo e as pontas aparecem fora".

"Mas a calpora é muito intrigada com pimenta, caçador que come molho a calpora se afugenta, ela só quer homem sério que seu caráter sustente".

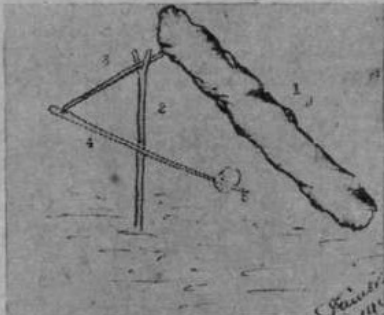
"O caçador que tomar amizade a calpora tem que lhe dar muito fumo e ver ela toda hora mas descobrindo o segredo ela dá-lhe e vai embora".

Da noite de quinta para sexta-feira evitam andar no mato. É o temor da calpora que os persegue com um assobio contínuo e aterrador ou acouta-lhes os cães:

"Tem noite que a calpora

quer ir brincar infuvida corre deante dos cachorros onde quer, fica escondida os cães pegam a uivar a caçada está perdida."

"No outro dia o cachorro amanhece todo inchado e fica vasando sangue o cabelo arrepiado e não pode mais comer morte o cachorro afamado"



MUNDE — 1 pedra, 2 — forquilha, 3 — escora, 4 — varêta, 5 — lica

Para evitar que os cães sejam molestados esfregam-lhe o corpo com alho e consequer o salvo-conduto do duende, colocando no amago da mata, sobre uma estaca, um bom pedaço de fumo.

Em animais portadores de tabá; assim é o gavião vermelho. Oví de um velho caçador haver disparado quatro tiros sobre uma dessas aves com uma espingarda excepcional à cerca de 15 metros!... "No primeiro tiro o bicho se arrepiou e sujou (defecou); pensei intê que ia cal. Depois das quatro, já desconfiado, rebetei uma pedra e vim m'labora".

Outro contou-me haver atirado num veado e esse, impassivelmente, vir farjar a árvore em que estava trepado.

É advertência da calpora... Observa-se pelo quadro anexo o impressionante decrescimo que vem sofrendo a nossa fauna, sendo mais acentuado nas espécies indefesas, de baixa proliferação, noivas ou de grande porte.

A criminosa política das derrubadas atinge em nosso Estado, segundo nos informa "O Observador Econômico", 10.366 ha. anuais, ca-

bendo a maior responsabilidade as estradas de ferro, indústrias de algodão e cana, centenas de quilômetros de cercas divisorias, lenha e a indústria de cortumes despiendo os caules das plantas tuíferas.

Acrescente-se a inobservância do Código de Caça pois em nosso sertão é completamente

ignorado. Resta a necessidade de uma revista no Código em apreço, porquanto alguma caça-dores têm se afirmado que no período da interdição, algumas das nossas espécies estão em plena produção.

E o já continua a afirmar: "tem lá quem acabe bicho"...

Livros Nacionais e Estrangeiros

Literatura — Livros Escolares, Técnicos e Científicos

LIVRARIA DA

Companhia Editora Nacional

Rua da Imperatriz, 43 — Telefone 2726

ATENDEMOS PELO SERVIÇO DE REEMBOLSO

RECIFE

PERNAMBUCO

Resurreição

(Continuação da pág. 15)

Vou pro Rio mas volto. Se você me quer tanto bem assim...

Acarinhou-se, entalhando os dedos na cabeleira. E pela primeira vez ela notou nele as novas afeições. Abismou-se, confusa, totalmente desamparada. Palou veementemente, sem mirá-lo, entre chôros:

— Sáia daqui, João. Eu não sou pra você. Eu não mereço ninguém. Não presto, nunca prestei.

Ele, num transternamento: — Querida, não diga isso. Não fale assim!

Desdobrou-se na cama, o bra-

ço musculoso cercando-a como um arco do triunfo, o crepúsculo pouzando neles dois, no quarto e nas colinas... Sentou-se, enlaçando-a, as mãos premindo as costas. Uniram as faces e demoraram neste abraço morno. Aos poucos, insensivelmente, os braços dela lhe envolveram o pescoço. Ele movia a cabeça de vez em quando, afocinhando a cabeleira ondulada.

Mirena tinha vindo à porta. Pegou-os rendidos a um beijo, lentamente perdidos um no outro. Regressou pé ante pé. Murmurou ao marido, na sala:

— Meu velho, éles... éles dois...

— Já sei. Amam-se. — disse Marôto, com firmeza.

— Isto mesmo! Como você soube? — fez Mirena, abismada.

— Ora, mulher. Então você não notava?

Os velhos se abraçaram, um estranho temor assaltando Mirena, o fantasma do Padre Lupicino diluindo em gargalhadas diabólicas, lhe ditando dúvidas, lhe atirapalhando a ordem natural das conjecturas.

Rio, Setembro — 1947.

OTAVIO DE FARIA E "OS RENEGADOS" JOEL PONTES

Otávio de Faria permanece na literatura brasileira, e permanecerá por muito tempo ainda, como um romancista de poucos leitores, sem penetração no grosso público, conhecido apenas por alguns grupos que já se delimitam distintos: os escritores da direita, os independentes e os leitores de preocupações religiosas que se deixam atrair pela aspereza quase herética dos conflitos interiores do romancista. Creio que isto acontece, não só pela extrema vibrabilidade dos sentimentos dos personagens, como pelo estilo várias vezes sutil e várias vezes enfuso, como também porque me parece que Otávio de Faria avançou no tempo. Uma obra como a *Tragédia Burguesa* deveria ser uma espécie de ápice de experiências de vida, um coroamento e um balanço de modo que só as velhas civilizações teriam elementos para realizá-la. Só os grandes sofrimentos de um povo, as lutas religiosas e as transformações sucessivas que indicam insatisfação, somente povos europeus e asiáticos poderiam determinar o aparecimento de uma obra de tamanho vulto. Que esta obra esteja sendo realizada no Brasil — eis um tema literário que, estudado convenientemente, pode aclarar muita coisa sobre a influência ainda não de todo compreendida, dos caminhos de Otávio de Faria sobre a ficção brasileira. Qual a obra americana tão rica em conteúdo espiritual, em conflitos religiosos e morais, em angústia temporal e aespacial quanto esta? E que dizer quanto aos nossos romancistas passados e presentes e sua integração entre eles? Na verdade, Otávio de Faria está só. A falta de um termo de comparação, os críticos têm procurado associá-lo a Machado de Assis, levando em conta a importância da obra. Somente assim, eles se situam em planos completamente opostos a começar pela base ética de Machado que correponde de uma base de profunda fé em Otávio de Faria. Há muitas vezes sombreadas pelos combates do "renegado que não ouso renegar". Desde aí — isso corresponde a duas visões da vida completamente distintas — até o estilo, belo e claro, modelar em Machado; cheio de aspereza, com um ritmo sempre quebrado, ora bíblico ora nervoso e cheio de trecoços, em Otávio de Faria. Estão mesmo de quem quer da arte muito pouco quanto ao aspecto exterior, preferindo a penetração nos mundos interiores, mesmo em prejuízo de uma perfeição formal. Evidentemente estão só e não há termo de comparação

entre eles, a não ser nisso mesmo: são dois polos, estão destinados a viver isolados entre si e entre os outros romancistas do país. Os acontecimentos, na obra de Otávio de Faria, não mais das vezes nada têm de extraordinários. São fatos diários, que à força de se repetirem perderam, para o comum dos homens, os seus aspectos mais dramáticos e particulares. Otávio de Faria — é próprio tanto quanto os personagens — analisa e deforma os acontecimentos através de repercussões que se entrecrocizam, quer aos poucos, quer de repente e com uma violência espantosa. Seus personagens, extremamente receptivos, reagem a todos os acontecimentos encontrando neles o lado mais transcendental, a vontade de Deus ou os desencontros que Deus determina e que os homens, por mais que se debatam, nunca poderão compreender. Este sentido do Superior nunca abandona Otávio de Faria, revelando-se sempre pelo pecado uma força que o atrai irresistivelmente e sobre a qual toda a *Tragédia Burguesa* está realizada. Não há uma fixação de lugar, nem o lugar da ação interessa de modo direto. Raras vezes mesmo chega a haver uma determinação, fala-se no Rio, em D. a cidade de verão, ou em S. Paulo. O que interessa é o encontro ou a separação dos homens, seus debates, fraquezas e problemas íntimos. Em toda a *Tragédia Burguesa* nunca se encontra homens que se conhecem, que compreendam seus impulsos mais íntimos e os dos outros. Passam lado a lado como desconhecidos, embora amigos, e é próprio Otávio de Faria, que intervém nos romances, tanto como qualquer personagem, é próprio confessa que não sabe porque tal ou qual personagem agiu desse ou daquele modo. Casimos então no terreno das cogitações, diante desse mundo de ficção tão estranho e apaixonante. De certo modo tornam-se personagens, são participantes quanto o autor. Parece que Otávio de Faria se deixa levar pelos personagens. A força de tanto serem pensador, eles ganham uma vida independente, a ponto de mandarem surpresas que o autor precisa debriar-se, parar no romance para compreender e tomar pé, terminando não raro por declarar que não entende mais, que tenta em vão penetrar, que é pequeno de mais para compreender. Tal como se estivesse lidando não com personagens de um romance seu, mas com gente realmente viva e com os problemas dessa gente. Será um mal essa confusão entre personagem e gente vi-

va? Acredito que isso exprima somente a paixão de Otávio de Faria pelos seus personagens. Suas obras é de arte, portanto, de intuição e espiritualidade, o que diferencia e caracteriza a arte diante da moral conceitual e prática, segundo Benedetto Croce. É ele próprio a defende como obra de intuição, quando diz, antes de qualquer romance: "nenhum dos personagens deste livro representa pessoa viva ou morta nem o próprio autor". Essa imensa paixão pelo mundo interior, e essa preocupação absorvente pelas relações entre a creatura e o Criador, dentro da exegese católica, esse inter-

esse pelo homem particular situado no ambiente social burguês — formam a limitação que Otávio de Faria se impõe. Antes de mais nada, interessam os homens; dentro os homens os de uma classe social definida, os burgueses; nos burgueses um momento, o da sua decadência; com estes homens e com esse momento, restringe a ainda mais o seu campo de ação: interessam-no as preocupações de ordem espiritual, ou a compreensão das vidas sob esta preliminar de superespírito absoluto do espiritual. A mesma paixão, que tanto atrai Otávio de Faria para o pecado — morte espiritual — leva-o em direção a burguesia que morre, que se suicida, principalmente pela falta de fé. A morte é assim o seu momento de importância, e talvez a maior constante dessa série de romances; morte pelo pecado, morte física e morte coletiva de um mundo que a burguesia dirigiu. Otávio de Faria jamais desce desse plano superior aristocrático mesmo. Suas angústias são as do homem universal, pela falta de importância, já acentuada, em que ele tem o mundo físico, e pela direção católica do seu pensamento. Traduzido para outra língua, poderá ser tomado como romancista francês ou nórdico, parente espiritual daquele outro cristão que ele tanto admira, Léon Roy. Nada há que o caracterize brasileiro. Começou a *Tragédia Burguesa* numa época em

que a literatura social de um José Lins do Rego ou de um Jorge Amado atinga o seu mais alto ponto de influência e de interesse. Hoje, essas escrituras já tentaram diversas outras experiências, estão no romance como fora dele por intermédio da biografia, do ensaio e da crítica. Otávio de Faria sai do romance mais volta para continuar a sua linha imperturbável. Sua preocupação é única e isolada de todos, como se pertencesse a outro país: o que e sua preocupação é única e as relações do homem com Deus, ou com os outros homens em busca de Deus.

Todas as linhas gerais da ficção de Otávio de Faria estão presentes no romance recém-aparecido *Os Renegados* (Livraria José Olímpio Editora, Rio 1947), e é um prazer registrar aqui que o autor — sem ter perdido em nada o seu modo intrincado de escrever, sem ter deixado de ser ele mesmo — está cuidando mais do estilo, está se tornando um escritor, que ainda não escreva de modo elegante e claro compreendendo-se, por correspondência de estilo e conteúdo. E o mesmo caso de Euclides da Cunha, que "escrevia com ódio". Nos seus romances anteriores e principalmente nos primeiros, *Mundos Mortos* e *Os Caminhos da Vida*, havia um romancista lutando contra um escritor, um conteúdo humano entravado por um modo de escrever difícil, sem ritmo, de palavras repetidas e parênteses contínuas. Tudo contribuía para dificultar a compreensão e para revelar o romancista inseguro no domínio da palavra, e paradoxalmente seguro dos personagens e situações. Se os acontecimentos mantinham o interesse, uma página isolada era indigesta e quase confusa. *Os Renegados*, já se começa a perceber um apuro maior, mais cuidadoso, no estilo e mesmo na técnica de movimentar aquela infinidade de personagens. No romance está assente o revelado a parte mais importante da personalidade de Otávio de Faria, muitas vezes tão obscura e difícil, como o estilo, que é, no caso, o elemento mais fortemente revelador. Personalidade contraditória, de eterno fascinado pelo pecado, e de homem protegido pela fé e por uma atitude moral que em muita coisa o aproxima de Branco. Não quero insinuar com isso que Branco seja um autor retrato, mas quero assinalar o quanto Otávio de Faria empresta a Branco de si próprio. Preto *Os Renegados* estas outras *Os Renegados* estas outras que aceito como se fossem mi-

nhua: "Vasado em absoluta sinceridade, o romance não trai a não pode trair o seu criador. Reflete-o sempre, ainda que muitas vezes sob aspectos velados, confusos, até mesmo desconhecidos por ele próprio". (...) "O romance reflete a verdade — não é que muitas vezes fugimos dela, da intratabilidade das suas revelações". (pg. 42) Essas revelações são justamente as da personalidade do romancista, a través da visão que ele tem da vida, das suas opiniões e dos problemas que o preocupam. Em Otávio de Faria a vida é uma procura eterna, uma oscilação constante entre Deus e o Diabo, entre o Bem e o Mal. O homem se debate, procura, escolhe, luta ou se acomoda, sempre em torno destes polos. O problema da salvação e os colocados nas vidas dos personagens morais se entrosam, e, nagens, caracterizam a decadência e o fim do mundo burguês. Os problemas econômicos e políticos não contam. No plano de elevação espiritual em que a obra foi concebida, parece não haver lugar para os problemas da subsistência dos *nouveaux-pauvres* burgueses ou para os de adaptação dos *nouveaux-riches*. O apêgo à generalidade, em Otávio de Faria, é muito grande para permitir essas particularizações de casos. Mesmo os seus personagens, têm sempre um caráter simbólico. Tudo se passa num plano de preocupação espiritual, que, se não chega a mutilar a obra, tonha-a de certo modo, unilateral. Não direi que isto seja um bem ou um mal. Direi somente que isto é Otávio de Faria. Nos outros romances, tudo se passa em direção a Deus. *Os Renegados*, o afastamento gradativo vai se acentuando e a "atmosfera" se tornando cada vez mais angustiante, principalmente porque o personagem central — Branco, que sempre apresentara o oposto do satânico de Pedro Borges — sente sua fé pouco a pouco se esvaíndo, por ter penetrado de mais no drama dos outros homens e de menos no seu próprio drama. E o que representa Branco na obra de Otávio de Faria? Sabemos que representa uma atitude de procura e de compreensão dos homens. Ele é um dos poucos que consegue manter-se de acordo consigo mesmo, protegido pela fé e pelos rígidos princípios morais. Sabemos que é uma alma írmã da de Otávio de Faria — por confissão explícita do autor — e que representava esperança e salvação dentro do mundo poderosamente carnal dele e o Pe. Luiz. A partir de *Os Renegados*, Branco já percorreu toda o caminho da queda — para usar de uma expressão de Faria — e o Pe. Luiz se afastou para um



Otávio de Faria

— I I —

The Great Western Of Railway Company Limited.

SERVICOS DE BAGAGEM

Providencie o despacho de suas bagagens com a devida antecedência, evitando atropelos de última hora, cooperando assim para a marcha dos trens em seus horários.

Não procure conduzir, nos carros de passageiros, volumes excedentes de 30 quilos, pois volumes de maior peso e grandes dimensões podem ser apreendidos nos trens a fim de ser despachados, sendo aplicadas ao frete as tarifas em dobro, com o peso mínimo de 50 quilos.

Verifique se suas bagagens estão dísticas com o nome do receptor e estação de destino, retirando dos volumes todos os dísticos usados.

A falta de dísticos muitas vezes resulta no desaparelhamento de volumes e consequente aborrecimento a quem os despacha.

Tomar o Trem em Movimento é Perigoso

COMODIDADE E - RAPIDEZ - ECONOMIA - SEGURANÇA

Recife, 1948.

A ADMINISTRAÇÃO

Grande Ambulatório Médico Para Comerciários

Dando cumprimento ao programa de assistência médica e social ao comerciário que tem sido o problema de maior preocupação do governo do general Eurico Dutra, foi inaugurado ontem, pelo sr. Remy Archer, nesta cidade, o Ambulatório da Delegação Regional do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciários, considerado um dos mais modernos e mais completos do país dentro os pertencentes àquela autarquia.

O sr. Remy Archer, presidente do I. A. P. C., que veio ao Recife inaugurar aquele serviço médico esteve, à frente de todas as solenidades, acompanhado do sr. Edmar Fernandes, delegado regional, juntamente com o sr. governador do Estado, secretários e outras altas autoridades especialmente convidadas.

O primeiro a falar foi o sr. Remy Archer, cujo discurso foi o seguinte:

"Exmo. sr. governador do Estado de Pernambuco, exmos. srns. representantes do Poder Legislativo, exmas. autoridades federais e estaduais, comercia-

Os comerciários de Pernambuco de agora em diante, terão um serviço de assistência social e um serviço de assistência médica modelar, o mesmo padrão de serviço que o Instituto dos Comerciários já presta no Rio de Janeiro, em São Paulo e em Minas Gerais, vem agora instalar em Pernambuco. Os comerciários e suas famílias terão, no Ambulatório do Instituto dos Comerciários, tudo que a técnica moderna da medicina recomenda.

Agradeco, sr. governador, a honra do comparecimento de v. excelcia, a esta solenidade. O apoio de v. excelcia, representa, certamente, um grande incentivo para o Instituto dos Comerciários, e pode v. excelcia ficar certo de que o Instituto dos Comerciários tudo fará, para cumprir o programa do eminente presidente general Eurico Dutra.

O dr. Helson Cavalcanti, diretor do Serviço de Assistência Médica do Instituto dirá algumas palavras detalhando e esclarecendo o tipo de assistência médica do Instituto. Esta obra

damos os seguintes trechos:

"Exmo. sr. governador do Estado, autoridades, senhores e senhoras:

O Ambulatório que neste momento está sendo inaugurado, constitui um dos eixos da cadeia de sistema hospitalar que o Instituto dos Comerciários está dando em execução em todo o país, a fim de prestar uma assistência médica moderna e eficiente aos seus associados.

Instalados com todos os recursos que a técnica moderna, em organização hospitalar, aconselha e indica o Instituto dispendeu para a instalação deste Ambulatório, aproximadamente um milhão e quinhentos mil cruzeiros, dotando-o de todo o equipamento, de todos os detalhes que dentro em breve os srns. irão visitar, e aparelhagem necessária a fim de permitir ao corpo clínico, selecionado por concurso, bem executar as suas funções, em benefício do comerciário do Estado.



O senador Vitorino Freire, quando levantava o brinde ao presidente da República



O dr. Barbosa Lima e o dr. Remy Archer, presidente do I.A.P.C. e o dr. Helson Cavalcanti, delegado e diretor do S.A.M. daquela autarquia

rios, meus senhores e minhas senhoras:

CUMPRIMENTO DE UM PROGRAMA

Cumprindo o programa do presidente de todos os brasileiros, o general Eurico Gaspar Dutra, veio a Pernambuco inaugurar o Ambulatório do Instituto dos Comerciários, como uma parcela da grande obra de assistência social ao comerciário, em todo o Brasil, e que tem sido o objeto da constante recomendação do exmo. sr. presidente da República.

será estendida por todos os Estados pois em Pernambuco instalamos um Ambulatório, e muito em breve o faremos em todas as outras capitais do norte e do sul do país.

Agradecendo a todos, quero congratular-me com os comerciários de Pernambuco e com o povo pernambucano desejando uma prosperidade cada vez maior para o Leão do Norte".

CADEIA DE SISTEMA HOSPITALAR

Falou, a seguir, o dr. Helson Cavalcanti, de cujo discurso

A LUTA CONTRA A TUBERCULOSE

Inicialmente, o Instituto dos Comerciários está vivamente empenhado na luta contra a tuberculose, e para nós fazemos frente a esta doença, de caráter eminentemente social e que constitui hoje, a preocupação do governo do país, todo o elemento que procura este Ambulatório fará parte de sua matrícula como obrigação, o exame de Raci X. Todo o associado ao ser matriculado, fará, obrigatoriamente, a abnega-

ção, com o fim de despistar precocemente a tuberculose. Assim, nós vamos ao encontro da doença, descobrindo precocemente o caso, e não deixando que ela venha ao nosso encontro. Este exame será repetido para todo indivíduo cada 6 meses.

Por consequência, os comerciários estarão constantemente vigiados, na descoberta do terrível mal.

Outro detalhe importante que nos mostra, de modo claro, a cooperação do Instituto dos Comerciários com as autoridades do Estado, e que faz parte, também, obrigatoriamente da matrícula do doente, é a vacinação anti-tífica e anti-variolosa em todos os que procuram o Ambulatório e, ainda mais, todas as crianças, dentro das indicções de ordem médica, serão vacinadas contra difteria. Deste modo, estamos cooperando, de um modo especial, com a Saúde Pública do Estado no combate à varíola — praticamente podemos considerar um elemento extinto, mas com um fim profilático que não se despreza — a febre tifóide e a difteria.

possibilitar a internação, em um nosocômio de alto padrão, ou como se diz hoje em dia, em nosocômio, classificado de hospital moderno.

Essas são as normas gerais que regerão este Ambulatório, rigorosamente ligadas às dos demais e que servirão para mostrar aos senhores, durante a visita, o que será a rede hospitalar do Instituto dos Comerciários e que já está em execução, devendo ser, no decurso deste ano, inaugurados Ambulatórios em diversas capitais do país.

Aproveito, a ocasião para agradecer ao exmo. sr. governador do Estado a sua presença, que demonstra de modo inequívoco, o prestígio que é dada a obra de assistência social como é esta. Dou por encerrada a minha exposição e agradeço, as diversas pessoas presentes ao ato".

tria, Ortopedia, Dermatologia, Proctologia, Cirurgia, Fisiologia, Patologia, Fisioterapia, Serviço de Metabolismo e Tubagem e enfermagem em geral.

Há a acrescentar que a clínica de ftiologia, além de fazer aplicações de pneumotórax, praticará cirurgia torácica e intervenções de Jacobson, sendo os doentes atacados de tuberculose, quando seja o caso, internados, a critério do especialista, no Sanatório do Sancho, onde o I. A. P. C. dispõe de quartos para os seus contribuintes.

A clínica de cardiologia, por seu turno mantém igualmente um serviço de eletro-cardiograma, a clínica dentária, serviços de radiografia e aplicações de endoterapia, assim com a de Ginecologia, aplicações de distermia.

Manterá o ambulatório, adiante, um serviço permanente e obrigatório de vacinações contra febre tifóide, difteria e varíola, abnegrafias e exames sistemáticos de sangue, com obrigatoriedade do tratamento anti-sifilítico.

Vinte médicos compõem o corpo clínico especializado do ambulatório do I. A. P. C., atualmente, além de um farmacêutico, 2 dentistas, selecionados por concurso, auxiliares técnicos de farmácia, laboratório e radiologia. Todos esses serviços estarão à disposição dos contribuintes do I. A. P. C. das 12 às 16 horas. Qualquer separado será atendido juntamente com todos os seus beneficiários legais.

A direção geral do Serviço Médico está entregue ao dr. Djalmis de Arruda Peixoto.

O AMBULATÓRIO RECEM-INAUGURADO

O ambulatório que o I. A. P. C. acaba de inaugurar na delegação de Pernambuco, pelo seu presidente, custou à autarquia, somente na aquisição de equipamentos, mais de um milhão e quinhentos mil cruzeiros, e é considerado um dos melhores e mais perfeitos do país entre os pertencentes ao Instituto.

Ocupa todo o 1.º andar e uma parte da sobre-lota do Edifício dos Comerciários e consta das seguintes clínicas: Ginecologia, Obstetrícia, Pediatria, Clínica Médica para homens e senhoras (separadamente), Clínica Dentária, Oto-rino-laringologia, Oftalmologia, Neurologia, Psiquia-

nalmente de mais de onze milhões. Entretanto, nosso limite de produção foi fixado apenas em 6.490.520 sacos, quase cinquenta por cento a menos do que nos seria lícito esperar. Esse limite, todavia, deverá ser ultrapassado na safra corrente em mais de 500 mil sacos".

ESTIMATIVA DE EXPORTAÇÃO

O presidente da Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco passa, em seguida, a falar sobre os cálculos de exportação do açúcar em seu Estado, dizendo:

"Incluindo-se 1.450.000 sacos de açúcar exportáveis da safra de 1946-47 no país, nos 3.500.000 sacos da safra de 1947-48, teremos o total de . . . 4.950.000 sacos exportáveis, dos quais já embarcamos 1.333.335 e vendemos 2.117.333. Resta, nos, um saldo de 1.498.334 sacos, que deveremos vender dentro de breves dias, na expectativa de que não só evitaremos prejuízos aos nossos produtores, como tambémaremos contribuir para maior renda dos tesouros estaduais".

"E essa expectativa é realmente alvareira, de vez que o açúcar escôa em maior volume para o país e para o estrangeiro. Agora mesmo, Pernambuco está embarcando nos vapores "Vitória-Rio", "Santa Bárbara", "Itaitá", "Rio Guaiaba", "Minas-Jardim", "Rio Gurupi", "Itabera", "Caricão", e "Itapé", 270.000 mil sacos para o sul e 100.000 mil sacos para o norte. A um tempo, embarcaremos pelo "Abigail", para o estrangeiro, 158.333 sacos destinados ao Paquistão e uma parte dos 308.333 sacos negociados no mês de fevereiro úl-

timo com outros países. Acresce que, nos dias 5 e 9 do corrente mês de março, vendemos a duas firmas do Estado de São Paulo, mais dois lotes, totalizando 505.000 sacos de açúcar cristal e refinado, dos quais já incluíamos o embarque de 80.000, pelo "Minas-Jardim". Essas operações são bastantes animadoras, valendo salientar que Pernambuco, em menos de trinta dias, embarcou para os mercados internos e para o exterior, mais de um milhão de sacos de açúcar".

AÇÚCAR DEMERARA

Passando a outra ordem de considerações, o sr. José Pessoa de Queiroz prossegue:

"Por outro lado, quase todas as Usinas do Estado estão fabricando, no momento, as duas cotas de açúcar Demerara destinadas ao estrangeiro sendo uma de 852.000 sacos para o Chile e outra, de um milhão de sacos, para os Estados Unidos. Cobre a Pernambuco a fabricação de quase totalidade dessas cotas — num volume de . . . 1.568.000 sacos — o que nos obriga, dessa forma a sustar, praticamente, a produção de açúcar cristal, na safra 1947-48. Deste modo o açúcar cristal que possuímos é o essencial para os mercados consumidores do país.

A MISTURA DO ALCOOL COM A GASOLINA

Em seguida, o presidente da Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco adverte o repórter que irá abordar um dos temas de maior importância para a indústria açucareira do país: a do aumento da produção de álcool. Refere-se, também, s. a., às crescentes dificuldades do vária ordem, no que diz respei-

Impõe-se Para Evitar, etc.

(Continuação da 3.ª página)

to à importação da gasolina, acrescentando:

— "O governo da República — como já é do conhecimento público — continua estudando um plano de mistura do álcool com a gasolina, tendo até mesmo, nesse sentido iniciado medidas concretas. Assim, excesso de açúcar deverá ser transformado, em álcool, a preço compensador, visando um mais perfeito equilíbrio entre a produção e o consumo. A menos que haja necessidade de ser exportado a melhor preço. Todos os produtores se mostraram animados com essa benéfica medida governamental e estão aparelhados para fornecer na safra de 1947-48, noventa milhões de litros de álcool anidro, esperando que esse fornecimento do "combustível nacional" suba a 130.000.000 de litros na safra de 1948-49. Esse álcool será entregue às companhias distribuidoras para ser misturado com um bilhão e duzentos milhões de litros de gasolina, quantidade essa que poderá elevar-se, de vez que a estimativa tem por base a importação do Brasil, em 1947 antes de recebermos cerca de 50.000 transportes motorizados. Leste-se ainda em conta que essa mistura virá de fato ao Brasil pelo menos, dez por cento das nossas divisas que eram dependentes em gasolina sabido que a produção do álcool deve ser de um décimo em litro de gasolina, representando esse fato uma substancial parcela na economia nacional".

"Aliás, o problema vem pre-

de paralisação dos indispensáveis veículos de tração a motor".

Finalizando, diz-nos — bem humorado — o sr. José Pessoa de Queiroz:

— "Não devemos esquecer ainda outra ameaça — o retorno ao "Gasogênio" — de triste memória, que, além de contribuir para o desgaste dos motores e ser de desagradável "higienização", traz um punhado de outros inconvenientes, dentre os quais avulta o de novo assalto às nossas reservas florestais, já por demais devastadas."

"Pode, finalmente, declarar que somos daqueles que confiam na ação patriótica de s. excelcia, o sr. presidente da República. Sabemos que o pen-

samento ao chefe do executivo nacional, também é o de que a mistura do álcool com a gasolina somente vantagens acarretará para a economia brasileira, beneficiando, a um tempo, as populações rurais. Pelo contribuir com uma grande parcela na arrecadação dos Estados produtores e para a melhoria do padrão de vida de nossos homens do campo, de vez que se lhes aumenta o poder aquisitivo e se lhes garante a continuidade do justo salário. Marcharão, assim, — ombro a ombro — gerando nova riqueza, o capital que constrói e o braço que produz".

(Transcrito do "Diário Carioca", de 19-3-1948).

AS CHUVAS ESTÃO CHEGANDO e a MALHARIA IMPERATRIZ já está aparelhada para servir à sua distinta freguesia AGASALHOS — CAPAS — PULLOW — GUARDA-CHUVAS e todos artigos para inverno RUA DA IMPERATRIZ N.º 102 — FONE, 2607



A OPINIÃO AUTORIZADA DOS
Grandes Mestres
DA MUSICA



• RICHARD CROOKS:
"...Eu não acreditaria na possibilidade de um instrumento elétrico reproduzir tão natural e fielmente o som como este aparelho."



• DEEMS TAYLOR:
"...O mais alto elogio que eu posso fazer à radiola SCOTT é dizer que ela retem a música exata, como se não houvesse intermediário entre o ouvido e a fonte do som."



• LAWRENCE TIBBETT:
"...Jamais senti maior impressão de realidade. A radiola SCOTT tem eliminado completamente o que de artificial existe em todos os reproduzores de som."



Pelicano

RADIOLAS SCOTT

DISTRIBUIDORES: CARVALHO & CIA ED. ALMARE-RECIFE
FONES: 6130-7328-7329-7330-7331-7217-6852

MONTE DE OURO

RUA DO IMPERADOR, 67

COCA-COLA, GUARANÁS, BOLOS, SANDWICHES, ETC.

Absoluta limpeza — Asseio escrupuloso

RECIFE

PERNAMBUCO

MALA DO ESTRANGEIRO

LIVROS DE APOS-GUERRA

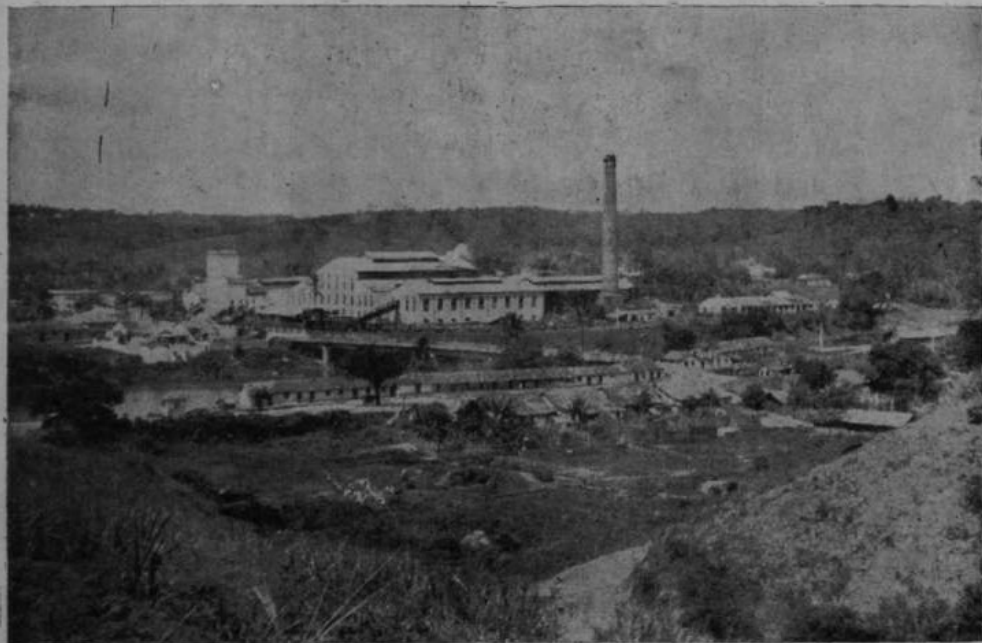
• Para Henry Canby, crítico literário norte-americano e presidente do júri de seleção do Clube do Livro do Mês, não apareceu nenhum grande livro de guerra durante ou logo depois da conflagração. "Falo de livros de valor permanente como "Adeus às Armas", de Hemingway, declarou Mr. Canby em entrevista a Selma Robinson, publicada pela "Revista do Globo". Lembrando que "Nada de Novo na Frente Ocidental", de Remarque, só foi publicado em 1925, portanto sete anos depois da guerra de 18, aquele crítico observou que esse grande livro talvez surja" mais tarde, "porque nesta guerra houve mais destruição e o número de pessoas atingidas foi muito maior". Referindo-se à quantidade de livros surgidos durante o último conflito, afirmou ainda que seus autores fizeram jornalismo e "não literatura", embora tenham escrito alguns bons livros. "Porque a "grande literatura deve ser resultado das emoções recordadas em sossego, como disse Wordsworth".

— Os escritores de hoje escrevem muito às pressas — concluiu.

XXX

• A CAENE ETERNA, romance de Wanda Fabian. Trata-se de uma história de amor destinada ao grande público. Realismo, análise dos mais íntimos segredos da alma — eis as características essenciais desse livro.

A USINA CENTRAL BARREIROS



Belo panorama da Usina Central Barreiros

COMEMORA FESTIVAMENTE UM "RECORD" DE PRODUÇÃO NUNCA ALCANÇADO POR SUAS CONGÊNERES EM TODO O BRASIL. 600.000 SACOS DE AÇÚCAR PRODUZIDOS NUMA SAFRA!



Aspectos fotográficos da recepção oferecida pelo industrial Manuel de Brito aos representantes da imprensa, produtores, comerciantes e família pernambucana



Aspecto interno da Usina Central Barreiros, após o enchimento do saco marca 500.000



Flagrante da chegada dos visitantes a Usina Central Barreiros

SUMARIO

Artigos, crônicas e estudos de Vinicius de Moraes — Regis Velho — Oswaldo Lamartine — Francisco Seráfico da Nóbrega — Hermílio Borba Filho — Celso Mariz — Maurílio Bruno — Odívio Duarte — Joel Pontes e Aderbal Jurema.

Poemas de Araújo Filho

Contos de Gastão de Holanda e Paulo Carvalho Neto

Ilustrações de Lula Cardoso Ayres, Zuleno Pessoa e Oswaldo Lamartine

Foto-montagem de Jota Soares

Retratos de Augusto dos Anjos — Gilberto Freyre — Joaquim Cardoso — José Lins do Régio — Leonardo Mota — Otávio de Faria — Alvaro de Carvalho e Garcia Lorca.

Tópicos — Mala dos Estados e do Estrangeiro — Bibliografia.



Flagrante do enchimento do saco 500.000, vendo-se o industrial Manuel de Brito, o dr. Pessoa de Queiroz, o gerente do City Bank, sr. Booth, sr. Alzir Leal, do Banco do Brasil, Alvaro Azevedo, gerente da Usina Central Barreiros, Apalero de Assunção e outras pessoas